

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DYENER FRACARO  
LUCAS FERREIRA DA SILVA  
MARIA ELISA DE CARVALHO SONDA

***PREVIDI: MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE MILITÂNCIA***

CURITIBA

2016

DYENER FRACARO  
LUCAS FERREIRA DA SILVA  
MARIA ELISA DE CARVALHO SONDA

***PREVIDI: MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE MILITÂNCIA***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História –  
Memória e Imagem da Universidade  
Federal do Paraná como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel  
em História

Orientador: Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto.

Co-orientador: Prof. Dr. Rodrigo  
Tavares

CURITIBA

2016

**Inserir aqui o Termo de aprovação da banca.**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo da graduação e, em especial, nestes últimos meses de trabalho de conclusão de curso, tive não só um aprendizado consistente e inigualável, mas também tive a oportunidade de conhecer e ter contato com pessoas incríveis que acrescentaram ainda mais para minha formação como acadêmico e como ser humano. Impossível não olhar para trás e seguir em frente com a sensação de satisfação e, claro, gratidão. Existem muitas pessoas a quem um simples "muito obrigado" não é o bastante. Precisarei de uma vida inteira para expressar minha gratidão; no entanto, posso começar agora.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me dar forças, discernimento e paz de espírito para enfrentar todos os momentos pelos quais tive que passar durante a graduação. Minhas convicções foram postas à prova com frequência. Fui testado como jamais fui em toda a minha vida. Mas Deus não só me indicou os caminhos para superar essas provas, mas também permitiu que eu reavaliasse a forma como eu conduzia a minha vida e me livrasse das amarras do fundamentalismo religioso, que hoje contamina muitas instituições do país, para viver um cristianismo genuíno e distanciado de todo e qualquer fanatismo.

À minha família: meu pai, Jessé; minha mãe, Marilza; e meu irmão, Mateus. Carrego um pouco de cada um de vocês em mim. Muito obrigado por todo o cuidado e carinho que vocês tem por mim desde os meus primeiros dias de vida. Muito obrigado por não desistirem de mim e por me dar amor e apoio por todos esses anos. Me perdoem por ser excessivamente reservado e muitas vezes não retribuir o carinho que vocês merecem. Pretendo melhorar nesses aspectos. Jamais vou conseguir agradecer plenamente tudo o que vocês fizeram (e ainda fazem) por mim. Amo vocês de todo o meu coração.

Aos meus caros e queridos amigos Leandro, Anna Ashley, Jacke, Otávio, Paula, Ana, Borg, Nathi e Raul (e agora a pequena Helena), Gui, Bet, Hajime, Daya, Graner, e Clara. Vocês tornam os meus dias mais alegres, e a vida mais agradável de ser vivida. Vocês chegaram num momento em que eu estava "pra baixo", vivendo alguns dos meus piores dias e questionando tudo o

que eu entendia por "amizade". Muito obrigado porque vocês deram um novo sentido a essa palavra. Tenho aprendido bastante com vocês sobre muitos aspectos da vida e do mundo, e isso tem me enriquecido muito. Espero poder retribuir à altura tudo o que vocês tem feito por mim.

Aos mestres que passaram pela minha vida e que me ensinaram um pouco do muito que sabem sobre o fazer cinematográfico, e que hoje aplico neste trabalho: Marcos Saboia, Geraldo Pioli, Nivaldo Lopes, Guilherme Chalegre, Vinni Gennaro, Danilo Custódio, Ive Machado, Karen Akerman e Cipriano Wiski. Muito obrigado por transmitirem o conhecimento com tanta propriedade, paixão e entusiasmo. Muito obrigado porque, através da oportunidade de observá-los em atividade, pude enxergar que o nosso cinema tem um caminho promissor e está em ótimas mãos.

Aos companheiros de empreitadas cinematográficas, grandes amigos e irmãos que entraram na minha vida como um presente: Felipe Negreli, Gabrielle Russi, Sue Yoshihara, Carol Mascarenhas, Adhara Garcia, Filipe Lima Brito, Gabriel Vaz, Patricia Carvalho, Pablo Bastos, Fahzao Marques, Rodrigo Enoque, Cris Cupertino, Mariana Buchmann, Nathalie Rocha, Isis Sophia, Ju Caimi e Pedro Augusto. Trabalhar ao lado de cada um de vocês nos últimos dois anos me proporcionou algumas das melhores experiências da minha vida. Muito obrigado pela oportunidade de aprender com cada um de vocês, pelo privilégio que é ter a amizade de vocês e por renovarem o meu entusiasmo pela produção audiovisual, o que me permitiu concluir essa importante etapa da minha vida. Espero que possamos trabalhar juntos novamente muitas outras vezes.

Não posso deixar de agradecer ao Edu Sacer, ao Leo Chaves, à Alynne Carvalho e ao Darlan Generoso, pela alegria que é fazer parte da família LoGGado. Escrever para o site sobre um assunto que eu gosto muito é uma alegria imensa para mim, e participar dos podcasts é uma experiência incrível. Muito obrigado por me darem essa oportunidade, pelos dias incríveis que passei no Rio de Janeiro no início de 2016 e pela honra de chamá-los de amigos. Para frente sempre.

Obviamente, a vida acadêmica me permitiu entrar em contato com pessoas que a todo momento desafiaram minha visão de mundo, o que foi muito bom pois pude evoluir graças a tudo que aprendi com cada um e me

livrei de muitas amarras que me aprisionavam intelectualmente. Sou muito grato pelos colegas e pelos amigos que pude fazer durante esses anos de graduação, em especial: Álvaro Nunes, André Cunha, Celso Landolfi, Keitty Oliveira, Luciane Carvalho, e Vinicius Mesquita. Sou grato também aos professores Amélia Siegel Corrêa, André Egg, Ronaldo Corrêa, e Rosane Kaminski, com quem aprendi bastante seja em sala de aula, seja em outros ambientes de convívio acadêmico. Muito obrigado por ampliarem a minha visão e pelo estímulo ao pensamento e à criação do conhecimento. Se hoje tenho o desejo de ser um historiador cada vez melhor, é porque tenho vocês como espelho.

Aos companheiros de luta, Dyener e Maria. Muito obrigado por me acolherem para a realização deste trabalho incrível. Ao Dyener, por todo o conhecimento de assunto e de causa relacionados ao trabalho, e seu entusiasmo que me contagiaram. À Maria, por tudo o que passamos lado a lado desde o início da graduação até a conclusão deste trabalho. Jamais vou conseguir agradecer plenamente aos dois por terem dividido a carga do trabalho comigo. Não seria capaz de carregar o processo sem vocês.

Agradeço também ao professor Pedro Plaza, pela cuidadosa e atenta orientação. Por me estimular a sempre procurar outros caminhos durante o processo de produção do trabalho e por me ajudar a superar as dificuldades que eu tinha com o software de edição. Muito obrigado por ser um dos melhores professores que já tive. Seu imenso conhecimento e paixão pelo cinema nacional são inspiradores. Muito obrigado pelas valiosas lições e pela amizade.

Agradeço também ao DEHIS-UFPR nas pessoas de Isabelle Borges e Jimmy Leão. À Isabelle por ser prestativa sempre que eu pisava na secretaria para solucionar todo e qualquer pepino burocrático. Ao Jimmy pela parceria no Laboratório de Vídeo, pelo acesso aos equipamentos, por me ensinar as peculiaridades dos aparatos, e, sobretudo, pela amizade que se firmou nos últimos meses do trabalho. Agradeço ao professor Rodrigo Tavares por todo o apoio que deu a realização do trabalho, em especial nas entrevistas com o Previdi.

Por fim, agradeço ao Wilson Previdi, que, com 84 anos e tendo sobrevivido acidente vascular cerebral, me ensinou a olhar a vida com mais

esperança e otimismo, com a certeza de que os ideais progressistas sempre renascerão ao longo dos tempos nos corações de todos aqueles que estão empenhados em acabar com a exploração do homem pelo homem. É inevitável.

Muitíssimo obrigado

Lucas Ferreira da Silva

Aos meus pais, Adir Manoel Fracaro e Pulqueria da Silva Fracaro; a minha irmã, Dayana Fracaro; pelo apoio e amor incondicional em todos os momentos da vida.

À minha companheira, Mariana Forgati, pelo incentivo e amizade, além da paciência e compreensão.

Aos camaradas de luta no desenvolvimento deste trabalho, Maria e Lucas, sempre fortes e decididos.

Aos meus familiares e amigos, pela inspiração ao longo desta jornada.

Ao professor Dr. Pedro Plaza Pinto, pela energia, confiança e dedicação.

Ao professor Dr. Rodrigo Tavares; aos grandes profissionais Jimmy Leão e Isabelle Borges, por estarem sempre presentes e colaborativos.

A todo o corpo docente, técnico-administrativo, bem como todos os profissionais da UFPR, que constroem a educação no seu dia-a-dia e possibilitam o funcionamento desta estrutura tão importante para nosso país.

A Wilson Previdi e sua família, que aqui representam toda a luta de um povo por uma sociedade mais justa e fraterna.

Ao Partido Comunista Brasileiro e todos os seus militantes que dedicaram suas vidas ao projeto de uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem.

Dyener Fracaro



Ao fim dessa trajetória sinto o coração leve por saber que estou no caminho certo, e cheio de gratidão por ter encontrado pessoas tão incríveis que trocaram comigo tanto conhecimento e carinho.

Agradeço ao professor Pedro Plaza, por toda confiança que demonstrou ter em mim nesses anos de orientação. Muito da minha segurança e grande parte do meu entender sobre a vida acadêmica vem das nossas trocas e dos seus ensinamentos. Obrigada por colocar o cinema brasileiro no meu caminho!

Aos camaradas de luta, Dyener e Lucas, a minha maior gratidão. Formamos um trio invencível, cada um com sua particularidade. Dyener trouxe sua paixão em falar sobre o PCB, suas reflexões precisas e bem estruturadas, típicas de um grande historiador. Obrigada por me ensinar tanto. E o Lucas se mostrou um forte guerreiro, como diz o Pedro, topando e abraçando nosso projeto com entusiasmo e muita responsabilidade. Nos fortaleceu com suas experiências práticas e se dedicou por inteiro na pós-produção do documentário. Obrigada pela lealdade, companheiro!

Quero agradecer também aqueles que são os mais importantes minha vida: meu pai Luiz, minha mãe Maria Luisa, minha avó Adiles e meu avô César, que está presente na energia mais cheia de saudade que eu já senti. Tudo que sou é uma extensão do que vocês são e foram. A poesia, a literatura, a cultura brasileira, o samba, a sensibilidade, a arte, as amizades, a cervejinha, a boa conversa, a risada alta e, acima de tudo, o amor intenso e puro são as minhas verdadeiras riquezas e maiores consequências da educação que vocês me deram. Agradecerei por toda a minha vida por ter sido criada por vocês. Obrigada por me apoiarem e confiarem em mim em todos os momentos dessa ideia maluca e linda de ser historiadora.

Ainda sobre raízes, grande parte dessa realização eu devo àquelas que estão do meu lado desde que eu me entendo por mim: Camila, Juliana, Izabela, Fernanda e Carla. Obrigada por terem compartilhado uma adolescência cheia de risadas, por terem despertado em mim o que eu hoje tenho de mais bonito: a lealdade. Por vocês eu faço tudo.

Gratidão também aos amigos do Ensino Médio, que dividiram comigo as incertezas dessa fase tão difícil que é escolher uma profissão. A troca de conhecimentos e paixões dessa época foi crucial para eu compreender que

meu caminho é as ciências humanas. Obrigada Flávia, Bruna, Thomas, Jaque, Jéssica, Allex, Paula, Fran e Bruna Bruscato. E minha gratidão mais especial à Angélica, laço firme que é construído desde os 16 anos, que se fortaleceu nos primeiros anos da minha vida em Curitiba e que foi a maior troca desse período. Obrigada por dividir comigo a vida universitária e tudo que veio com ela.

Aliás, à essa vida universitária eu tenho muito a agradecer! As amizades que a Reitoria me trouxe são responsáveis pelo maior aprendizado desses últimos anos, porque conhecimento vai muito além da sala de aula. André, meu maior companheiro nessa graduação: sem você isso tudo não teria a menor graça! Obrigada pelas aulas trocadas por cerveja no Parceria, no primeiro ano, e pela tradicional ida à Casa Verde, toda sexta-feira depois da aula. Acho lindo o nosso processo desde o início: éramos dois perdidos e agora somos historiadores, cheios de orgulho. Aos amigos das Letras: obrigada demais! Érica, Daniel, Maria Thereza, Ana Elisa, Ana Carolina, Samuel, Luci, Dudão, Pamela, Raquel e Rosão: muito do que eu me tornei nesses últimos seis anos tem total influência de cada um de vocês. E por fim, agradeço os amigos que não vieram da vida universitária de forma direta, mas que influenciaram demais para que esse ciclo se fechasse. Obrigada Yasmin, Lusca, Baiano, Bruna, Hannah, Casca, Poja, Gustão, Jota, Lux, Pazo, Juninho, João e Ursula. Vocês são essenciais nessa vida, obrigada pelo apoio e o incentivo dos últimos meses.

E por fim, agradeço a todos que nos ajudaram na produção e conclusão desse trabalho: Jimmy Leão, presente vindo lá de Natal na hora mais do que certa; Isabelle Borges, dona do sorriso mais gentil da Reitoria e essencial pra fechar essa trajetória; professor Rodrigo Tavares, pela ajuda nas entrevistas com o Previdi; Sandra Sebastião, minha coordenadora e amiga, que me inspira por toda sua inteligência e que foi super compreensiva nos dias da reta final; E, por último e mais importante, Wilson Previdi, nosso personagem que topou nos relatar suas memórias de militância, nos dando força e ânimo para passar por tempos tão difíceis no cenário político, nos ensinando que a nossa maior arma é a resistência.

Muito amor por vocês todos! Obrigada,

Maria Elisa Sonda.

*“Apenas aquele que se lança na vida inteiramente – com o sentimento de que mergulhando nela, banhando-se nela, deixando-se impregnar, assim, pela humanidade presente – é digno deste belo nome; ele multiplica por dez suas forças de investigação, seus poderes de ressurreição do passado. De um passado que detém e que, em troca, lhe restitui o sentido secreto dos destinos humanos.”*

*Lucien Febvre em Contra o vento: manifesto dos Annales.*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 O OBJETO</b> .....	19
<b>3 O DOCUMENTÁRIO</b> .....	23
<b>4 PROCESSO DE PRODUÇÃO</b> .....	29
4.1 PESQUISA .....	29
4.2 ROTEIRO .....	32
4.3 FILMAGEM E DIREÇÃO .....	33
4.4 MONTAGEM .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	44
<b>FONTES</b> .....	46
<b>ANEXO 1 – PRIMEIRA VERSÃO DE ROTEIRO</b> .....	47
<b>ANEXO 2 – DECUPAGEM DO ÁUDIO DAS ENTREVISTAS</b> .....	49
<b>ANEXO 3 – ROTEIRO PARA MONTAGEM</b> .....	65

## 1 INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com o tema da história política e social – seja o objeto de pesquisa uma organização, instituição, ou mesmo um personagem específico – , observamos o esforço da construção do texto em relacionar o tema exposto com algo ainda maior, buscando uma valorização do problema desenvolvido na pesquisa, traçando caminhos que se relacionem com outros projetos, no sentido de ampliar um campo do conhecimento de determinada área, apresentando novas possibilidades de desenvolvimento. Em nossa tentativa aqui desenhada, também empreenderemos esforço neste sentido: relacionar nosso projeto a outros que trabalhem a perspectiva da história vivida, pulsante, que se apresente por si.

O que tentaremos apresentar ao público, neste sentido, é a força da memória viva, ainda dentro de um espaço e tempo, e como essa memória pode ser apresentada dentro de um registro fílmico, na estrutura de um documentário. Pois entendemos, conforme Halbwachs, que:

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.<sup>1</sup>

Enfim, elencamos aqui o problema da memória, suas faces e aparências, como base da apresentação de nosso personagem, elemento central deste trabalho; e como podemos construir, em conjunto com o próprio personagem, o registro dessas memórias, o formato que se apresentam e o molde em que elas são inseridas. É também nosso papel pensar nas transformações promovidas por ações externas diretas - estudiosos, pesquisadores e produtores -, sem subestimar o papel da fonte memorialista e suas transformações internas, a partir de diversas variantes, com as escolhas teóricas e técnicas, de linguagem e abordagem, de relação e interpretação do objeto e suas nuances.

---

<sup>1</sup> HALBWACHS, 2004, p. 78.

Entender como podemos capturar, a partir deste processo de pesquisa e relacionamento com as fontes, a linha condutora das reminiscências registradas e reproduzidas por nosso personagem, nos faz perceber como

A memória pode ser entendida como a reatualização de acontecimentos e práticas passadas em um momento presente, sob diferentes modos de textualização (referimo-nos aqui, por exemplo, à produção literária, científica ou mítica, historiográfica e/ou jornalística), na história de uma formação ou grupo social. O “recordar” possibilitado pela memória também se concretiza no movimento do presente em direção ao devir, engendrando assim uma espécie de “memória do futuro” tão imaginária e idealizada quanto a museificação do passado em determinadas circunstâncias.

Retomando o que foi dito, podemos afirmar que pensar discursivamente a memória é analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade nos processos de significação da linguagem.<sup>2</sup>

A história da luta política travada pelos militantes comunistas no Brasil é tema de inúmeros trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas últimas décadas, em especial, após a abertura política da segunda metade dos anos de 1970. Autores renomados debruçaram-se sobre esse grande objeto de pesquisa – dentro e fora de nosso país, tentando entender a dinâmica da atuação dos comunistas na vida política brasileira, bem como destrinchar o desenvolvimento de suas instituições e organismos - com maior ênfase ao PCB – Partido Comunista Brasileiro.

A partir dos estudos já desenvolvidos sobre a atuação dos comunistas nas lutas sociais do Brasil, é de fácil percepção a grande relevância que este agrupamento têm na história política e social de nosso país, desde as lutas mais básicas, fundamentais na conquista de direitos políticos, sociais e econômicos, até nos grandes movimentos da história política brasileira.

É neste sentido que tentaremos, a partir deste trabalho, apresentar um pequeno ponto da história do movimento comunista paranaense, aqui representado por um núcleo bem específico e carregado de valor simbólico: A família *Previdi*, em especial, Wilson Previdi, militante comunista ainda ativo, veterano, que representa uma história ainda em construção da vida dos comunistas paranaenses e de seu próprio núcleo familiar.

---

<sup>2</sup> MARIANI, 1988, p. 38.

Buscar um registro da história do movimento comunista paranaense, partindo de seus primórdios, sem ao menos citar este nome familiar, estaria longe de um trabalho minimamente sério, seja em qual campo ideológico, político ou teórico-metodológico estiver seu autor. A família *Previdi* representa um momento político da história brasileira, encenada no Paraná, em que grande parcela de nossa população via-se obrigada a tomar partido, posicionar-se de algum modo, quando confrontada com a conjuntura em que se inseria; não eram tempos de neutralidade nem apatia. Eram, sim, tempos de engajamento, envolvimento e crença em um ideal, em um futuro que estava logo ali, ao alcance das mãos, bastando abraçar-se para que pudéssemos chegar a esse objetivo.

Partindo do momento de fundação do PCB nacional, seguindo pelo seu desenvolvimento no Paraná, desde meados dos anos 1930, observaremos a participação dos *Previdi* na vida política paranaense e no desenvolvimento do movimento comunista local, como podemos observar no estudo desenvolvido por Adriano Codato e Marcio Kieller (2008), sobre elementos dirigentes do movimento comunista paranaense.

Com isso, este trabalho busca resgatar a importância do núcleo familiar dos *Previdi* na vida política paranaense, entendida na análise da história de vida de Wilson Previdi, elemento chave e fio-condutor deste processo. Nosso personagem central, e objeto da nossa pesquisa, representa aqui a passagem de períodos marcantes do movimento comunista: os avanços e retrocessos; as alegrias e frustrações; as vitórias e derrotas; os amigos e inimigos conquistados ao longo do tempo; e ainda as incansáveis disputas políticas, teóricas e ideológicas que marcaram o desenvolvimento do século XX e do conjunto da esquerda brasileira.

Trabalhar a temática de movimentos políticos e sociais no meio acadêmico é sempre algo que se releva de grande responsabilidade; isto devido ao farto e rico material já desenvolvido por grandes pesquisadores da área: sociólogos, cientistas políticos, historiadores, enfim, estudiosos que dispensam seu tempo e energia em consistentes obras dedicadas ao objeto em questão. Um estudo dedicado à Wilson Previdi e sua família não poderia fugir desta responsabilidade intelectual. Em nosso entendimento, este núcleo familiar representa uma rica fonte para inúmeras discussões, dentre elas, as

que apontamos como objetivo de nosso projeto: a influência do núcleo familiar (espaço privado) nas relações amplas da vida política (espaço público) e vice-versa; e, ainda de igual ou maior relevância para nossa pesquisa, a discussão da memória como componente social, como algo ainda em construção, num trilho montado sobre batentes que ainda estão sendo forjados, amarrados um ao outro pela vida e viva memória de nosso personagem.

Para além da fonte de uma história de vida, nossa intenção, através de um documentário média-metragem, é apresentar o personagem em seu conjunto memorialístico, ou seja: apresentarmos o que nós, produtores, entendemos deste personagem e o que o próprio personagem considera importante sobre a sua história e trajetória política. Consideramos este registro muito valioso para a historiografia política do Estado do Paraná, visto a importância temporal deste feito, pois a cada instante passado, estamos perdendo esses registros, essas memórias e esses fragmentos de história que permitem ao historiador construir uma breve leitura do mundo.<sup>3</sup>

Desta forma, manifestamos aqui a intenção de revelar ao espectador deste registro audiovisual a importância social de nosso personagem, em suas cargas de memória, sentimento e percepção do mundo vivido e das páginas viradas deste livro do tempo.

A escolha de Wilson Previdi e sua família como personagem central de nosso trabalho se dá, em primeiro lugar, pela singularidade de nosso personagem e sua relação com o tema: um comunista histórico, vinculado à uma espécie de compromisso de honra com o Partido; uma família de comunistas, que representa as origens do movimento comunista no Paraná e seu desenvolvimento. Mesmo nas grandes figuras e expoentes do movimento comunista brasileiro, não encontramos tais circunstâncias, o que acrescenta ao nosso projeto uma atmosfera privilegiada, ampliando as possibilidades de tratamento do objeto e dos objetivos propostos a partir de nossas escolhas. Em segundo lugar, apresenta-se uma oportunidade única de registrarmos e apresentarmos ao público em geral a história de vida deste personagem, seu

---

<sup>3</sup> Sobre esse conceito de constituição do trabalho do historiador e de sua relação com as fontes e a produção do conhecimento histórico, ver Löwy (2005), em seu trabalho de interpretação das teses “Sobre o conceito de história”, de Walter Benjamim.



entendimento da própria história e o que sua memória, a partir dos fragmentos pinçados, nos revela deste rico período da vida política e social brasileira.

Dentre as várias possibilidades encontradas para trabalhar o tema e a problemática aqui propostos, optamos por estabelecer com o espectador uma relação reflexiva sobre o tema e o objetivo central da obra fílmica, abordando a construção da memória deste personagem, de forma a expor a contradição das reconstruções pessoais e dos percursos traçados por esse personagem na (re)constituição do quadro memorialístico constituído. Recolhido de um personagem envolvido diretamente em tramas decisivas e relevantes acontecimentos políticos e sociais – que influenciaram as vidas de figuras centrais e secundárias; familiares, amigos, colegas de profissão, enfim, de todos os elementos que, de alguma forma, relacionaram-se e relacionam-se com esse personagem –, utilizamos uma entrevista em áudio gravada no ano de 2010, realizada por Dyener Fracaro, na intenção de registrar depoimentos de militantes históricos do PCB no Paraná, no formato de depoimento de vida, como fio-condutor do desenvolvimento do documentário, no intuito de inserir o espectador num quadro em que seja exposta a sensibilidade da composição da memória, a relação desta com a história e a influência do desenvolvimento da vida na construção da revisão do passado.

Para tanto, não utilizamos uma narrativa de convencimento, direta e intencionalmente organizada, mas uma abordagem que leve o tema ao espectador de maneira a introduzi-lo na problemática do trabalho, de forma instigante e provocadora, mas sutil, valorizando o personagem, sua história de vida, o período selecionado, ligando o tema aos fatos narrados e expostos pelas fontes. Um dos nossos principais desafios foi conseguir unir os fragmentos encontrados na pré-produção do filme - ou seja, na etapa de pesquisa em fontes históricas sobre o objeto e sobre o tema central trabalhado -, com os vestígios de memória de Previdi, debilitado pela idade avançada, e com isso, construir uma narrativa que possa revelar ao espectador um relato memorial carregado de sensações que consigam expor a importância do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, para Wilson Previdi e para as tradições de sua família, buscando a sensibilidade que cada plano e cada cena possa despertar, introduzindo o público que está assistindo o filme no universo

particular de emoções que pertencem ao nosso personagem, mas que trazem em si uma forte carga social.

Não obstante essa abordagem central na busca de uma relação reflexiva com o espectador, buscamos enfatizar, como base para esse objetivo primário, uma exposição mínima, inserida no desenvolvimento do próprio documentário, na intenção de situar o espectador no espaço-tempo selecionado, intercalando nos planos e cenas elementos que caracterizem este recorte, seguindo, nesse sentido, a conexão dos materiais que, em conjunto com a entrevista, a sonorização e os resgates de arquivo, irão compor o quadro apresentado ao espectador, apontando a não conclusão do debate e a abertura à novas perspectivas sobre a composição da memória, a história e o mundo vivido, seus caminhos que passam por mudanças, transformando pessoas, sentimentos e lembranças, numa sempre nova composição do passado.

Trabalhando o depoimento de nosso personagem como fio-condutor da narrativa proposta, seja dentro do quadro de cena ou como uma locução em voz *over*, buscamos estabelecer entre o personagem/narrador e o público/espectador uma relação direta, em que o primeiro se apresente, através de suas memórias e registros pessoais, ao público, respaldado pelos materiais de arquivo e pela composição de imagens e sonoridade dentro do campo de montagem do material final. Nossa intenção direta é nos constituirmos como uma espécie de filtro desta narração, selecionando e transformando-a, construindo a ponte que a ligue com nosso problema temático e a intencionalidade dos objetivos, fazendo com que um tripé fundamental seja elevado: agente discursivo – discurso – comunidade interpretativa.

## 2 O OBJETO

Fundado em 1922, mas sendo um desdobramento das lutas sociais já travadas em fins do século XIX, início do século XX, o PCB – Partido Comunista Brasileiro – sempre esteve presente nos grandes debates sobre a sociedade brasileira, nas lutas de transformação social existentes, com análises sistemáticas, projetos, ações táticas e estratégicas, visando pôr em prática as teses desenvolvidas por seus militantes, elementos de destaque na produção de interpretações sobre a sociedade brasileira, pois, como aponta Dinarco Reis, em sua obra militante,

O amadurecimento rápido das condições objetivas para que a classe operária brasileira se transformasse em “classe para si”, capaz de um projeto político autônomo, estava sendo propiciado pelo desenvolvimento industrial [...] Mas ele foi decisivamente incrementado pela vitória, em 1917, da revolução Bolchevique (socialista) de Outubro, na Rússia, que repercutiu enormemente em todo o mundo e, naturalmente, também no Brasil.<sup>4</sup>

O PCB, partido político mais antigo do Brasil ainda em atividade, foi fundado em um momento de grande efervescência política no Brasil e no mundo. Neste contexto, já demasiadas vezes exposto por estudiosos desta temática, verificamos que

Os núcleos comunistas no Brasil eram profundamente afetados pelos acontecimentos externos, dos quais os mais importantes foram, sem dúvida, a revolução russa de 1917 e a fundação da Terceira Internacional Comunista, em março de 1919 – muito embora os brasileiros tivessem conhecimento também dos eventos revolucionários no México entre 1910 e 1917.<sup>5</sup>

O contexto internacional era do pós primeira grande guerra, com uma Europa devastada pelos combates ali travados, momento de grande instabilidade política e econômica, culminado em fortes enfrentamentos sociais. Resultado das disputas entre as grandes potências imperialistas europeias, na ganância de dispor de uma maior fatia da exploração dos territórios ainda em processo de libertação, pertencentes à periferia do capitalismo, colônias ou ex-colônias europeias, este conflito bélico gerou uma enorme insatisfação nas

---

<sup>4</sup> REIS, 2011, p. 20.

<sup>5</sup> CHILCOTE, 1982, p. 53.

camadas médias e populares daquelas sociedades. Neste âmbito, forças políticas de esquerda, a princípio de matizes anarquistas e socialistas, mas também de alguma vertente de interpretação e orientação marxista, desenvolvem uma política de contestação dos motivos da guerra, da situação de carestia e miséria em que se encontra a classe trabalhadora na maioria do continente europeu. É nesta conjuntura de caos político e social, de total instabilidade institucional, que triunfa, no então território do Império Russo, a primeira revolução socialista da história: a revolução russa de 1917, liderada pelo Partido Operário Social-Democrata Russo (Bolchevique) e por seu fundador e maior líder, político e intelectual, Vladimir Ilitch Lenin.<sup>6</sup>

Como desdobramento dos acontecimentos na Rússia, novas discussões surgem no movimento operário mundial, buscando entender este fenômeno político abrupto e radical. Acalorados debates desenvolvem-se nos grupamentos de esquerda, associações e sindicatos de trabalhadores. O resultado disto é o surgimento de uma nova corrente política internacional: o movimento comunista, fundamentado nas teses de Lenin, no formato de organização política e interpretação do desenvolvimento da sociedade capitalista, baseado nas obras teóricas e políticas de Karl Marx e Friedrich Engels, o que convencionou-se denominar Marxismo-Leninismo. É neste período que surgem, diferenciando-se de anarquistas e socialistas, os partidos comunistas no mundo todo, ligados entre si pela Terceira Internacional ou Internacional Comunista (*Comintern*), com bem apontado por Marcos Del Roio.<sup>7</sup>

No Brasil, a situação política e social não era menos desalentadora que no plano internacional. Presenciávamos a decadência e decomposição de uma estrutura político e social oligárquica, arcaica e retrograda. Elites regionais predominavam na cena política, lutando para preservar seus mais escusos privilégios. No campo, se estendiam os grandes latifúndios, o trabalho semiescravo ou análogo a ele; nas cidades, o trabalhador padecia de direitos elementares, estando a mercê dos mandos e desmandos dos industriais.

---

<sup>6</sup> A respeito da influência e repercussão das ideias de Lenin e da Revolução Russa de Outubro no Brasil, dentre outras obras, ver Koval (1982) e Bandeira (2004).

<sup>7</sup> DEL ROIO, M. *Os Comunistas, a Luta Social e o Marxismo* (1920-1940). In: AARÃO REIS, D; RIDENTI, M. (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. v.5 – partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Recém liberta do regime escravocrata, nossa sociedade chocava-se com fortíssimas contradições sociais, materializadas em embates, greves e atos públicos que marcaram aquele início de século. É nesta conjuntura que se desenvolvem, com mais intensidade, a partir da chegada das várias levas de imigrantes iniciadas no século XX, as ideias anarquistas e socialistas no Brasil. Também é neste contexto, provocado pelos fatos ocorridos na Europa, em especial na Rússia, com o triunfo das forças revolucionárias, que é fundado o Partido Comunista Brasileiro – PCB. Que assim como seus coirmãos internacionais, teve origem nos debates entre socialistas e anarquistas sobre as teses de Lenin, o acerto da posição de seus preceitos teóricos e organizacionais para a construção de um movimento comunista internacional, pautado na estrutura do partido bolchevique, se contrapondo ao que se observava nos movimentos anarco-sindicalistas e socialistas naquele período, pois, como aponta CHILCOTE,

Ideologicamente inflexíveis, o anarquismo e o anarco-sindicalismo eram incapazes de se adaptar às alternativas revolucionárias condizentes com a realidade brasileira [...]

Como se observou anteriormente, a revolução russa foi o catalizador da aproximação dos elementos radicais que cinco anos mais tarde apareceriam no PCB. Além disso, ela também gerou dissensões nas fileiras anarquistas, polarizando-as ideologicamente em dois campos; e a imprensa anarquista tornou-se um fórum para as posições favoráveis e contrárias aos bolcheviques.<sup>8</sup>

No momento de sua fundação, em 1922, O PCB representava o total de setenta e três militantes comunistas, espalhados em 8 cidades do território nacional, sendo que em seu congresso de fundação, realizado em Niterói, no Rio de Janeiro, fizeram-se presentes 9 delegados, que ali debateram a ordem do dia e concluíram seus trabalhos, encaminhando a filiação à Internacional Comunista e os estatutos partidários. Já no final da década de 1920, início de 1930, o Partido teve um crescimento considerável de seu quadro de militantes, passando do número de 1000 membros, diversificando seu espaço territorial de ocupação, inserindo-se em categorias profissionais, meios estudantis e acadêmicos e nas forças armadas.

---

<sup>8</sup> CHILCOTE, 1982, p. 51-52.

Note-se que neste primeiro período de vida do movimento comunista brasileiro - os primeiros anos de fundação e desenvolvimento -, pouca ou nenhuma referência encontramos sobre seus militantes paranaenses, bem como a existência de uma movimentação especificamente comunista no Paraná<sup>9</sup>.

Em determinado momento histórico, num campo espacial e temporal, cruzaram-se a história de Wilson Previdi, sua família e o Partido Comunista Brasileiro. Para a felicidade de nosso projeto (e de seus realizadores), ambos continuam vivos. Não são mais aqueles jovens do início do século passado; trazem em si o peso de uma história de lutas e de decisões tomadas. A vida cobra seu preço, o tempo também. Wilson Previdi, herdeiro de uma tradição comunista familiar, dedicou sua existência à causa que acreditava ser a mais justa e bela: “o fim do opróbrio da exploração do homem pelo homem”. Para tal fim, seguindo os passos de seus familiares (pais, tios e tias), vinculou-se profundamente ao organismo que melhor representava este ideal: O Partido Comunista Brasileiro.

A revolução socialista brasileira não triunfou. O PCB não se tornou um grande partido de massas. O movimento comunista mundial debilitou-se e se encontra fragmentado, assim como os comunistas no Brasil. Não obstante esta constatação, é justamente estes elementos que fazem do nosso projeto algo pulsante: trabalhar uma história a contra-pelo, dar voz a um desses incomensuráveis fragmentos de memória que perdemos a cada crepúsculo.

Acreditamos que somos privilegiados neste sentido, pois a oportunidade de nos relacionarmos com uma fonte rica, em vários aspectos, através de uma linguagem narrativa igualmente rica em possibilidades de realização, torna a construção deste audiovisual um projeto desafiador e prazeroso, visto que, para além do que realizarmos, estabeleceremos condições para que outros projetos possam ligar-se ao nosso, direta ou indiretamente, expondo as fontes, as referências, os registros, enfim, um material base que possa sustentar outras pesquisas, instigando outras realizações neste campo proposto pelo Curso de História – Memória e Imagem.

---

<sup>9</sup> Na literatura sobre o movimento comunista em geral, os quadros paranaenses encontram-se, na maioria dos estudos, em segundo plano, vinculados à política dos grandes centros econômicos e políticos do período.

### 3 O DOCUMENTÁRIO

Entre as possibilidades pensadas para a produção prática deste trabalho, escolhemos o *documentário*, que através de uma narrativa estabelecida pelos produtores do filme, faz um *tratamento criativo da realidade* – como afirmou John Grierson, cineasta e fundador do movimento documentarista britânico dos anos 1930<sup>10</sup>, para expor os resultados da nossa pesquisa sobre Wilson Previdi, comunista curitibano que, já com seus 84 anos, nos recebeu em sua casa para conceder entrevistas relatando fragmentos de sua memória desgastada pelo tempo, mas muito rica para a história política do Paraná.

Optamos pela linguagem audiovisual por duas razões. Em um primeiro momento, nos foi importante a intenção de alcançar um público amplo e diverso, e não limitar nosso trabalho apenas ao meio acadêmico. Devido à versatilidade que o audiovisual possui e à acessibilidade que ele proporciona, acreditamos que transformando a história de Previdi em um documento visual, contribuímos para a historiografia política do Estado de forma mais democrática, saindo do ambiente universitário, principalmente nesse momento em que a internet é uma ferramenta que facilita a divulgação e a pesquisa em qualquer área de conhecimento. O segundo motivo diz respeito às particularidades que cercam o personagem principal do documentário, que tem experiências de vida que envolvem aspectos pouco estudados na historiografia do Paraná, como o surgimento e o desenvolvimento da militância sindical e de esquerda no estado desde os governos Vargas, passando pelo regime militar, até a abertura democrática em 1985 e os primeiros governos diretamente eleitos.

Além disso, em decorrência das sequelas provocadas por três acidentes vasculares cerebrais (AVC), Wilson Previdi tem dificuldade em articular e organizar suas lembranças, o que resulta em relatos fragmentados. Sendo assim, seria possível dispor seus argumentos em ordem através da

---

<sup>10</sup> Escola britânica liderada por John Grierson na década de 1930 que buscou oficializar o documentário como um gênero independente dentro das produções cinematográficas. Esse movimento se tornou forte com o surgimento de aparatos técnicos que deram origem ao som no cinema. Bill Nichols trabalha esse tema em seu livro *Introdução ao documentário*.

montagem cinematográfica, de forma a construir um relato coeso, valorizando a importância documental das lembranças de Wilson Previdi.

O valor do cinema e do documentário como fonte histórica é uma discussão que tem sido foco de grandes debates desde os anos 1970, com a chamada *Nova História*<sup>11</sup>, quando as produções audiovisuais entraram na categoria de “novos objetos” de trabalho para os historiadores. O artigo *O filme: uma contra-análise da sociedade?*, do historiador francês Marc Ferro, publicado no livro *História: novos objetos*<sup>12</sup>, é uma importante produção sobre a problemática envolvendo cinema e história no meio historiográfico. Ferro traz o debate sobre as questões políticas e sociais que envolvem o filme na sua produção. O historiador afirma que no início do século XX o cinema era tido apenas como um entretenimento para as classes inferiores, não valorizando as pessoas envolvidas em sua produção, ignorando os fatores externos que pudessem ter influenciado o trabalho do cineasta. Com isso, ele levanta a seguinte problematização:

para os juristas, para as pessoas instruídas, para a sociedade dirigente, para o Estado, o que não é escrito, a imagem não tem identidade; como os historiadores poderiam a ela se referir, sequer citá-la? Sem vez nem lei, órfã, prostituindo-se para o povo, a imagem não poderia ser uma companhia para esses grandes personagens que constituem a Sociedade do historiador. (...) Como se fiar nos jornais cinematográficos quando todos sabem que essas imagens, essa pretensa representação da realidade, são selecionáveis, modificáveis, transformáveis, porque se reúnem por uma montagem não controlável. Um truque, uma falsificação? O historiador não poderia apoiar-se em documentos desse tipo.<sup>13</sup>

Com essa discussão, Ferro levanta o argumento que afirma que por mais fictício que o cinema seja, ele sofre influência do contexto político e social em que é realizado, trazendo traços importantes para a investigação da época de sua produção, como comportamentos sociais e características políticas do momento.

Partindo dessa discussão levantada por Marc Ferro, pensamos o valor como fonte que o documentário, sendo um gênero cinematográfico, tem para a

<sup>11</sup> Corrente historiográfica que surgiu nos anos 1970 e fez parte da terceira fase da *Escola dos Annales*. Foi responsável por uma grande reformulação no fazer historiográfico que repensou as fontes históricas utilizadas por historiadores até então.

<sup>12</sup> LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). *História: novos objetos*. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

<sup>13</sup> FERRO, 1988.



construção do pensamento histórico de um determinado momento. E, com isso, buscamos respaldo bibliográfico nos autores brasileiros Fernão Pessoa Ramos, Silvio Da-Rin, Amir Labaki e Sérgio Puccini e no americano Bill Nichols para produzir o média-metragem *Previdi – memórias de uma vida de militância*.

Para pensar o documentário enquanto gênero e melhor compreendê-lo, Silvio Da-Rin e seu livro *O Espelho Partido: tradição e transformação do documentário*, nos forneceu uma boa base sobre a história do documentário em âmbito mundial. Já no território brasileiro, a leitura de *Introdução ao documentário brasileiro*, de Amir Labaki, trouxe maior clareza em relação às produções nacionais, passando pelas primeiras filmagens feitas no Brasil que, segundo o autor, aconteceram em 1898, e pelo embrião do documentário brasileiro que foram as produções contratadas por pessoas da elite que retratavam atividades folclóricas do Brasil, na década de 1920<sup>14</sup>. Essas duas obras foram importante para pensar o documentário em seu contexto histórico e, a partir disso, inserirmos nosso produto e o nosso personagem em uma discussão que considera o cinema uma fonte e um objeto valioso para o trabalho historiográfico.

Além disso, julgamos ser necessário compreender a definição do documentário dentro do campo cinematográfico brasileiro. Para isso, Fernão Pessoa Ramos e o livro *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* forneceu conceitos e teorias muito importantes para o estudo do gênero. Acreditamos ser importante destacar uma breve definição feita por Fernão Ramos:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> LABAKI, 2006.

<sup>15</sup> RAMOS, 2008, p. 22.

Ou seja, para Fernão Pessoa Ramos, o documentário estabelece asserções sobre o mundo histórico, ao contrário da ficção, que tem sua narrativa construída em torno de um mundo imaginário. Com isso, pensamos no roteiro de *Previdi - memórias de uma vida de militância*, como a exposição da trajetória de um personagem, pertencente a um grupo familiar específico – comunistas ligados ao PCB –, que viveu momentos importantes da história política do Estado do Paraná e assim, fazendo asserções sobre aquele determinado período e contribuindo para as produções historiográficas em torno do tema.

Para pensar e realizar a parte prática do nosso trabalho, a leitura do livro *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*, de Sérgio Puccini, foi essencial. O autor expõe, de forma didática, todas as etapas e preocupações que envolvem a produção de um documentário, seja ele um curta, média ou longa-metragem. Para não ficarmos repetitivos, um debate mais aprofundado sobre o aproveitamento deste livro na produção de *Previdi – memórias de uma vida de militância* será feito no próximo capítulo, quando falaremos sobre o projeto e o roteiro do filme.

Por fim, utilizamos o livro *Introdução ao documentário*, do crítico de cinema, professor e teórico Bill Nichols, onde ele faz uma relação dos modos (estilos) de produção que guiam um documentário, sendo eles: o modo expositivo, o poético, o observativo, o reflexivo, o participativo e, por fim, o performático. Aqui, nos cabe apresentar apenas as características dos modos que nos orientaram durante a produção de *Previdi – memórias de uma vida de militância*: o modo *expositivo*, o *participativo* e o *poético*.

Nichols define os documentários que se enquadram no modo expositivo como produções cinematográficas que se preocupam com um maior foco na exposição da narrativa - no discurso -, do que na estética e na subjetividade, sendo objetivos e procurando seguir uma lógica argumentativa, relacionando o que é dito com o que é mostrado. Essa técnica nos foi muito importante para construir o discurso do filme, relacionando as falas de Wilson Previdi com documentos encontrados em arquivos públicos, como no acervo do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão utilizado pela Ditadura Militar com o objetivo de censurar e reprimir movimentos sociais, e nos arquivos pessoais da família Previdi.

Ainda segundo Nichols, o modo participativo é definido por expor o engajamento do cineasta com seu tema ou com seus personagens. Uma dos dispositivos que permite que o documentário desperte o interesse no espectador é a presença de um entrevistador interagindo com Wilson Previdi, fazendo perguntas, tentando extrair o máximo possível de seu entrevistado apesar de suas dificuldades, como a audição ruim. Como bem explica Nichols, documentários participativos envolvem a ética e a política do encontro, um encontro entre alguém que controla uma câmera de filmar e alguém que não a controla<sup>16</sup>.

O terceiro modo que nos orientou para a produção do documentário, em menor escala, é o modo poético, que se manifesta de maneira evidente na estética do filme, lidando com o que é subjetivo. Na sequências de abertura e encerramento, utilizamos algumas imagens filmadas no bairro do Seminário que, aliadas ao discurso de Wilson Previdi, constroem significados subjetivos, que serão explicados nos capítulos a seguir. Além disso, o livro de Nichols trouxe base teórica para pensarmos a montagem e a edição do filme, tópicos que serão tratados mais para a frente.

Além dessa bibliografia, alguns filmes nos serviram como referência para o roteiro, linguagem visual e direção, como o documentário *Santiago*, dirigido por João Moreira Salles. O filme tem como personagem um mordomo que trabalhou por anos para a família do diretor, que, por sua vez, nutriu o desejo de fazer um filme sobre Santiago. Contudo, não satisfeito com o resultado das filmagens, Salles voltou a examinar o material bruto e seu filme passou a ser menos sobre o personagem e mais uma reflexão sobre o processo criativo dentro do documentário.

Outro filme que nos foi muito importante durante o processo de produção de *Previdi – memórias de uma vida de militância* foi *Fomos, somos e seremos comunistas*, produzido pela direção do PCB, celebrando os 20 anos do X congresso do Partido, que marca a batalha pela manutenção deste coletivo como organização dos comunistas brasileiros, retrata os encontros travados nos anos 1980, crises institucionais no PCB, bem como em todo o movimento comunista internacional, fruto dos acontecimentos políticos no

---

<sup>16</sup> NICHOLS, 2002, p. 152.

Leste Europeu e na URSS. Em um formato de documentário direto, unindo fragmentos de falas e momentos dos congressos partidários, o filme reflete os grupos e tendências que surgem no auge da crise política dos comunistas brasileiros. É esse quadro que trabalha o filme: como os comunistas brasileiros mantiveram sua organização política histórica e resistiram aos que pretendiam liquidar definitivamente o partido político mais antigo do Brasil. *Fomos, somos e seremos comunistas* constrói a visão dos que se colocaram na linha de frente da defesa, primeiro, da organização partidária, e, segundo, dos princípios comunistas – organizativos e teóricos.

Para o trabalho com as imagens de arquivo, as maiores influências foram os filmes *Noite e Neblina*, de Alain Resnais; e *Sobre Anos 60*, de Jean Claude Bernardet. O primeiro une imagens de arquivo com filmagens das ruínas dos campos de concentração, trilha sonora e narração para criar uma atmosfera de tensão e drama, de forma a despertar a empatia do público pela experiência vivida pelas vítimas do Holocausto. Já o segundo filme, nacional, é um mosaico composto por sons e imagens estáticas ou em movimento produzidos na década de 1960, que tenta por meio da montagem cinematográfica resgatar o espírito de época daquele contexto dentro da realidade brasileira.

Todos estes filmes foram essenciais para a concepção do trabalho, pois foi necessário refletir bastante a respeito do material filmado e das imagens de arquivo que tínhamos em mãos para construir um documentário que pudesse dar forma às experiências vividas por Wilson Previdi e sua família, e recriar a atmosfera do contexto de lutas e convulsões sociais no Brasil do século XX.

## 4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

### 4.1 PESQUISA

Todo trabalho aqui desenvolvido teve início com a ideia de resgate da história do movimento comunista no Paraná, em meados de 2010. Neste período, realizamos uma pesquisa de levantamento sobre militantes que participaram da vida política de Curitiba entre os anos de 1945-1964. O recorte temporal teve esta característica justamente por abranger o período entre a redemocratização do país, na sequência do fim da Segunda Grande Guerra, e o fechamento deste ciclo político, com o golpe civil-militar de 1964, que inaugurou a ditadura dos governos militares no Brasil.

Nossa intenção, a partir destes pressupostos, era captar a movimentação dos comunistas no Paraná e no Brasil, em um momento de relativa liberdade política e prestígio vivido pelo PCB, visto a vitória das forças aliadas contra o nazi-fascismo, com a participação decisiva da URSS nesta disputa bélica mundial.

Para tanto, optamos por entrevistar quatro militantes que atuaram em Curitiba no referido período; são eles: Iraci Soares de Oliveira; Odete Soares de Oliveira; Milton Ivan Heller; Wilson Previdi. As entrevistas foram realizadas em 2011, com exceção de Wilson Previdi, realizada em 2010. Todos esses personagens tiveram atuação dentro da estrutura organizativa do PCB em Curitiba, como também a nível estadual. Após um levantamento prévio, agendamos visitas, entrevistas, e, por fim, um registro em áudio, a partir de algumas perguntas constante em material base.

Todas as entrevistas foram ricas em seus conteúdos e resultados, de acordo com o objetivo do trabalho proposto. Odete Soares de Oliveira e Iraci Soares de Oliveira, respectivamente, irmã e esposa do Walfrido Soares de Oliveira - então secretário político do PCB-PR, atuaram de forma orgânica no PCB, vivenciando grandes momentos da política e dos movimentos sociais daquele período. Iraci, que ocupou cargos na direção municipal e estadual do Partido, foi a primeira mulher candidata à vereadora no Paraná, junto com

Maria Olímpia Carneiro, então eleita para a vereança da capital<sup>17</sup>. Milton Ivan Heller, então jovem militante do PCB, teve atuação destacada na imprensa revolucionária, tornando-se colaborador do periódico comunista estadual *Tribuna do Povo*, o que o formou como jornalista na prática, possibilitando sua atuação na grande imprensa do estado, posteriormente.

Mas, o que mais nos marcou durante estas passagens de pesquisa de campo e entrevistas, foi o depoimento registrado de Wilson Previdi. De fala mansa, ensaiada e cortês, este senhor nos revela uma história ímpar do movimento comunista paranaense. Selecionado, a princípio, apenas pelo critério do período de militância no PCB, no espaço delimitado pela pesquisa, apresentou-se como elemento fundamental para o resgate da memória do movimento comunista no Paraná. E por qual razão, essencialmente? Eis aí o ponto central: seu vínculo com o PCB vem antes mesmo de sua consciência política e de sua militância em si; é um caso excepcional em que toda a sua família, em seu núcleo mais próximo, exercia militância ativa na estrutura do PCB no Paraná. Seu pai, Virgílio Previdi; sua mãe, Lídia; seus tios, Carlos, Nilo, Walfrido, Maria José; suas irmãs; enfim, todo um núcleo familiar vinculado organicamente ao Partido Comunista Brasileiro.

Partindo desta entrevista inicial de 2010, nos sentimos instigados a desenvolver uma pesquisa mais ampla sobre a participação da família Previdi na estrutura do PCB. Desta forma, buscamos novos elementos que embasassem tal tarefa. Acessamos os arquivos do DOPS no Estado, por intermédio do Arquivo Público do Paraná, nas pastas temáticas sobre o PCB e o movimento comunista em nosso estado, bem como as fichas internas da DOPS, com os relatórios individuais. Realizamos, ainda, visitas à pessoas que compartilharam espaços de militância com Wilson Previdi e seus familiares, bem como revisão bibliográfica de textos clássicos sobre o movimento comunista brasileiro.

Nossa surpresa foi positiva e empolgante. Os Previdi constam nas fichas do DOPS já no ano de 1935, apontando participação na ANL - Aliança Nacional Libertadora, bem como nos movimentos que sucederam o levante antifascista de 1935 (ver ficha interna DOPS de Virgílio Previdi). Nos relatórios

---

<sup>17</sup> CODATO; KIELLER, 2008.

da DOPS, os Previdi constam como militantes ativos de inúmeras células da capital, em organização sindical e cultural. As mulheres não fogem a regra, tendo militância constante em células de Curitiba, no bairro do Seminário e Água Verde, exercendo papel destacado na direção de diversas atividades.

Nosso personagem principal, em suas próprias palavras, nasceu dentro do Partido. Desde muito jovem, acompanhava seu pai e tios nas reuniões de base do PCB, ouvindo e absorvendo a atmosfera dos debates políticos ali desenvolvidos. Ainda nos anos 1940 iniciou como militante da União da Juventude Comunista – UJC, tornando-se, desde logo, dirigente desta frente de jovens. Na sequência, ingressou no PCB, ocupando diversos cargos de responsabilidade dentro da direção partidária, tendo atuação reconhecida do meio sindical, com destaque para sua intervenção na categoria dos bancários.

Não há, nas fontes e bibliografia acessada, exemplo de personagem com tal condição. Quase que como uma tradição familiar, uma questão de honra pessoal e orgulho político e moral, se manteve fiel ao PCB e ao vínculo militante, mesmo nos momentos mais difíceis da história desta organização. Mesma situação, como demonstra pesquisa e o trabalho desenvolvido, de seus familiares (pais e tios); todos se mantiveram, dentro de suas possibilidades, dedicados ao PCB e à causa do socialismo.

É com base em tal histórico que surgiu a ideia de produção de um documentário que apresentasse, de forma livre e geral, esse personagem ao público, com toda a sua carga emocional e memorialística, nos seus 84 anos de vida, no seu vínculo histórico com o PCB. Assim sendo, tendo a ideia base do formato do material, coube-nos construir um roteiro fundado em tais pesquisas, pensado no ambiente, no espaço físico, na sonoridade, enfim, em todos os elementos que compõe uma obra fílmica com tal intencionalidade.

Desde a produção do roteiro até as primeiras filmagens, algumas tarefas foram executadas. Estudos da localização dos bairros; acesso á casa e possibilidades de imagens externas; condições de luz; enfim, todo o desenvolvimento da produção que consta no referido relatório.

## 4.2 ROTEIRO

A elaboração do roteiro de *Previdi: memórias de uma vida de militância* começou no primeiro semestre deste ano, após a finalização do projeto, ou proposta, de documentário que foi apresentado para o professor orientador. Nos reunimos diversas vezes para analisar os materiais já coletados com a pesquisa feita anteriormente e conversar sobre as possibilidades de filmagem. Enquanto estávamos nesse processo, a leitura de *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*, de Sergio Puccini, foi essencial.

Fazendo um apanhado histórico sobre os processos de produção dos filmes documentários, Puccini evidencia que o roteiro neste gênero cinematográfico não é tão importante como nos filmes de ficção - onde os modos e etapas de produção são guiados pelo roteiro escrito -, sendo a sua elaboração no período de pré-produção algo dispensável. Para o autor, o roteiro fechado, detalhado cena a cena, em um filme documentário será possível dependendo da abordagem escolhida pelos diretores. No caso de *Previdi – memórias de uma vida de militância*, a produção do primeiro roteiro foi feita como uma sugestão de estrutura a ser seguida durante as etapas de filmagem, ficando aberta e flexível para possíveis mudanças na montagem e edição. Como enfatiza Dwight Swain, escritor americano, sobre a roteirização de um documentário na pré-produção: ‘se existe uma coisa que você precisa em seu kit de sobrevivência, essa coisa é flexibilidade’<sup>18</sup>.

Sendo assim, elaboramos um roteiro<sup>19</sup> composto por blocos, sequências e cenas. Cada bloco tem uma sugestão de conteúdo, as sequências apresentam o ambiente em que as cenas seriam produzidas e, por último, cada cena descreve brevemente o que deveria ser retratado. Com base nessas sugestões, planejamos a produção do filme de forma flexível, fazendo uma decupagem desse primeiro roteiro, marcando os dias de filmagem e pensando as perguntas feitas nas entrevistas. Ao longo do trabalho, algumas necessidades de filmagem foram cortadas, como as cenas de Wilson Previdi na sede do PCB em Curitiba (Partido Comunista Brasileiro), devido às condições físicas do nosso personagem, consequência de três acidentes

---

<sup>18</sup> Swain, 1976, p. 10.

<sup>19</sup> Ver Anexo 1 – Primeira versão de roteiro.



vasculares cerebrais, fatalidades que influenciaram várias mudanças no projeto de produção, interferindo diretamente no primeiro roteiro.

Com as filmagens concluídas e o conteúdo analisado, pudemos elaborar um roteiro final e definitivo<sup>20</sup>, baseados nas instruções de Sergio Puccini que afirmam que 'roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim'<sup>21</sup>. O processo de elaboração desse roteiro final, que foi o guia da montagem e da edição serão tratados ainda nesse capítulo, no tópico específico sobre a montagem.

#### 4.3 FILMAGEM E DIREÇÃO

Com o primeiro tratamento e a decupagem do mesmo em mãos, demos início a fase de produção do documentário. A equipe de filmagem foi composta por: Lucas Ferreira da Silva operando a câmera 1; Jimmy Leão operando a câmera 2; Maria Elisa Sonda operando o som direto; Dyener Fracaro, responsável pelas entrevistas; e por fim, o professor Pedro Plaza Pinto fez as orientações de filmagem e assistência de direção. A direção do documentário foi feita de forma coletiva, pelo Lucas Ferreira da Silva, o Dyener Fracaro e a Maria Elisa Sonda, responsáveis pelo projeto.

Nos três dias de filmagem, fomos até o bairro do Seminário, onde Wilson Previdi mora desde a juventude. Cada diária de entrevista durou aproximadamente uma hora. Raramente fazíamos várias tomadas de um mesmo plano; e, quando fazíamos, eram não mais do que três<sup>22</sup>.

Primeiramente, filmamos planos gerais e panorâmicas da casa de Previdi e da rua onde ele mora. Em seguida, filmamos alguns planos do primeiro contato do personagem com o entrevistador. Uma vez estabelecido o contato, toda a equipe se aproximou e interagiu com Previdi, tudo devidamente capturado pelas câmeras.

Em seguida, entramos em sua casa para conduzirmos os trabalhos de entrevista. Painéis de led foram utilizados para iluminar o local da entrevista.

---

<sup>20</sup> Ver Anexo 2 – Roteiro para montagem.

<sup>21</sup> PUCCIN, 2009, p. 16.

<sup>22</sup> RODRIGUES, 2002, p. 26.

Neste dia, a câmera operada por Lucas procurou enquadrar Previdi em close e capturar detalhes gestuais do personagem em planos detalhes. Já a câmera operada por Jimmy enquadrou Dyener e Previdi em um plano conjunto. Optamos por este enquadramento para reforçar a ideia da interação entre os realizadores e seu personagem.

De acordo com Sérgio Puccini, a presença do entrevistador em quadro pode ser prejudicial para o filme, como também pode não ser. Percebemos que manter Dyener dentro de quadro seria essencial para a nossa proposta de documentário, pois

O entrevistador como performer atua como intermediário assumido entre tudo aquilo que registra, e relata, e o espectador, facilitando a condução do assunto e a construção da estrutura discursiva que passa a ser sustentada por sua performance. Mesmo que se perceba certa dispersão no tratamento do assunto, ou dos assuntos, sua presença em cena serve para marcar bem uma unidade de ação (...)<sup>23</sup>.

Mesmo nos momentos em que está fora de quadro, a presença de Dyener interagindo com o entrevistado faz com que a atenção do espectador continue focada no que está sendo tratado na tela, na interação entre entrevistador e entrevistado, entre os personagens que compõem o filme e seu desenvolvimento.

Naquele dia, Previdi relatou sobre como seu pai se envolveu com o Partido Comunista Brasileiro; sobre os efeitos colaterais que os acidentes vasculares cerebrais causaram e que permanecem até hoje, tanto que se faz necessário tomar nota para que não se esqueça de nenhum detalhe; sobre seu envolvimento com Maria Olímpia Carneiro, a primeira mulher a ser eleita vereadora na cidade de Curitiba; sobre as prisões que sofreu em decorrência de sua atuação na juventude; sobre o modus operandi do partido em tempos de ilegalidade, período no qual as células que compunham o partido eram independentes uma da outra e os membros não se conheciam; e sobre o período em que trabalhou em Assaí como funcionário do Banco do Brasil e militou na criação do Sindicato dos Bancários e da Associação Atlética Banco

---

<sup>23</sup> PUCCINI, 2012, p. 69-70.

do Brasil naquela cidade, tendo como consequência pesada investigação e perseguição ideológica por conta de sua militância.

No segundo dia, filmamos mais planos gerais e panorâmicas da rua em que se localiza a casa de Previdi no bairro do Seminário. Filmamos também planos conjuntos de Previdi e Dyener caminhando pelos arredores, com câmera na mão na maior parte do tempo. Além disso, filmamos um breve contato de Previdi com a equipe de filmagem, cena que não está presente no corte final do documentário.

Em seguida, continuamos os trabalhos de filmagem dentro de sua casa. Novamente, painéis de led foram utilizados para iluminar a cena. A câmera de Jimmy enquadrou Previdi em plano médio; e a câmera de Lucas ficou encarregada de enquadrar o personagem em close e capturar detalhes gestuais. Desta vez, Dyener ficou fora de quadro. No entanto, sua presença é evidente através das perguntas feitas a Previdi.

Tivemos que lidar com o inconveniente de que os aparelhos auditivos de Previdi estavam danificados, fazendo com que o entrevistado tivesse ainda mais dificuldade em ouvir e entender as perguntas que estavam sendo direcionadas para si. Além disso, devido ao fato de estar com a audição limitada, Previdi empregou um tom de voz mais alto do que o normal para se comunicar. Fizemos ajustes no volume do microfone utilizado para captar a voz do personagem para que não ficasse estridente na hora em que ele falasse.

Uma vez resolvidos os imprevistos, demos início a entrevista. Previdi falou novamente sobre o período do golpe civil-militar em Assaí. Além disso, ele também relatou sobre o envolvimento de sua tia, Maria José Previdi, com a união feminina, organização de iniciativa comunista; sobre o envolvimento de sua família com o PCB e seus primeiros passos dentro do partido; sobre as consequências que o golpe teve sobre sua família; e sobre o racha do Partido Popular Socialista e a reestruturação do PCB.

Neste segundo dia, tivemos a participação de Wilma Previdi Andrade, irmã de Wilson Previdi, que esclareceu algumas das lacunas que o depoimento do nosso protagonista deixou abertas. Ela falou detalhadamente acerca da atuação da união feminina chefiada por sua tia e sobre a maneira como o golpe civil-militar afetou sua família, em especial, a perseguição e a prisão de seu marido na época.

Semanas depois, em uma sexta-feira, nos reunimos com o professor Pedro para filmar cenas de cobertura no bairro do Seminário. Foram filmados *travelling* das ruas do bairro; diversos planos cobrindo a Fonte de Jerusalém, um dos monumentos mais emblemáticos do Seminário; *travellings* e panorâmicas na rua onde se encontra a residência de Previdi. No momento em que nos deslocamos para a rua de Previdi, começou a chover. Logo após a chuva, filmamos alguns planos gerais e planos detalhe nos arredores, sendo que alguns destes planos foram incluídos na sequência de encerramento do documentário. A princípio, trabalhamos sem uma decupagem prévia para estas cenas.

Independente de termos feito um planejamento técnico ou não, dependendo do dia da filmagem, muitas vezes foi preciso contar com a intuição na hora de trabalhar com a câmera. Em especial nos momentos em que a câmera estava livre, ou seja, sem tripé e operada na mão, tivemos como única autoridade o momento, o instante a ser registrado. Aquilo que Sérgio Puccini chama de eventos autônomos, nos quais

(...) o diretor de um documentário e seu operador de câmera frequentemente são obrigados a enfrentar situações que os diretores de filmes de ficção se esforçam para evitar: as situações nascidas do acaso. Essas situações, invariavelmente, obrigam o cinegrafista a improvisar seu trabalho de câmera, confiando apenas na sensibilidade para lidar com um problema imposto por circunstâncias que fogem do controle da equipe de realização. A experiência de enfrentar situações nascidas do acaso e a possibilidade de filmar aberto, sem um roteiro técnico previamente definido, atrai boa parte dos documentaristas<sup>24</sup>.

Ainda que o roteiro seja útil para guiar o trabalho de filmagem, era preciso reagir às situações que aconteciam no calor do momento. Com isso, percebemos que o trabalho de escrita do documentário continuava no instante da filmagem, em que se fazia necessário movimentar a câmera e ajustar a lente a medida em que as inúmeras situações se sucediam. Seja registrando um gesto ou alguma fala de Previdi, seja reagindo ao que acontecia ao nosso redor, estávamos a serviço da verdade proporcionada pelo momento. Reagir ao não planejado faz parte do processo de criação do documentário.

---

<sup>24</sup> PUCCINI, 2012, p. 80.

Dessa forma, dá-se um aumento significativo da quantidade e diversidade de imagens para a montagem<sup>25</sup>. O que foi capturado dos eventos encenados e dos eventos autônomos no processo de filmagem agora precisará ser cuidadosamente selecionado e lapidado na ilha de edição.

#### 4.4 MONTAGEM

Uma nova etapa do processo criativo iniciou-se com a montagem do documentário. Segundo Jacques Aumont e Michel Marie, a montagem, na maior parte do tempo, tem uma função narrativa: a mudança de plano, correspondendo a uma mudança de ponto de vista, tem por objetivo guiar o espectador, permitir-lhe seguir a narrativa facilmente<sup>26</sup>. Recorre-se ao recurso da montagem para dar forma à narrativa do filme, de forma a torná-la atrativa e envolver o espectador que assiste atentamente.

Sobre a montagem, Aumont e Marie dizem que ela também pode produzir outros efeitos: sintáticos ou de pontuação; figurais; rítmicos; plásticos; entre outros<sup>27</sup>. Para o nosso trabalho, a montagem foi útil para fins sintáticos, de forma a unir os diversos planos e falas de Wilson Previdi para construir uma narrativa consistente e coesa; para fins rítmicos, para que pudéssemos dar agilidade e fluidez em algumas das falas de Previdi, que, em função dos acidentes vasculares cerebrais que sofreu, tem dificuldade para organizar as memórias e articular sentenças inteiras sem se dispersar em meio ao relato; e para fins figurais, em especial nas sequências de abertura, de encerramento, e que envolviam imagens de arquivo, nas quais precisávamos evocar ideias através de símbolos.

No que diz respeito aos efeitos figurais, Sergei Eisenstein já havia abordado o assunto ao tratar do *princípio unificador*, no qual dois fragmentos de filme, quando justapostos, formam “uma terceira coisa”, isto é, um novo significado.

O que esta compreensão da montagem implica essencialmente?  
Neste caso, cada fragmento de montagem já não existe mais como

---

<sup>25</sup> PUCCINI, 2002, p. 87.

<sup>26</sup> AUMONT; MARIE, 2012, p. 196.

<sup>27</sup> *ibidem*, p. 196.

algo não-relacionado, mas como uma dada *representação particular* do tema geral, que penetra igualmente todos os fotogramas. A justaposição destes detalhes parciais em uma dada estrutura de montagem cria e faz surgir aquela qualidade *geral* em que cada detalhe teve participação e que reúne todos os detalhes num *todo*, isto é, naquela *imagem* generalizada, mediante a qual o autor, seguido pelo espectador, apreende o tema<sup>28</sup>.

Sendo assim, as imagens de arquivo e as imagens utilizadas nas sequências de abertura e de encerramento, justapostas e associadas à fala de Previdi, foram ressignificadas, colaborando não só para dar substância ao relato do personagem, mas também para formar uma narrativa coerente e precisa. Trataremos dessas ressignificações mais adiante.

Com a conclusão da etapa das filmagens de entrevistas e de coberturas, o próximo passo foi assistir ao material bruto, para verificar quão diferente ficou o material filmado do restante do roteiro inicial. Este procedimento revelou-se necessário para descobrir com que tipo de filme estávamos lidando.

À medida que avaliamos o material bruto, constatamos que ele não se encaixaria tal como previsto no primeiro roteiro. Dessa forma, foi realizada uma reavaliação do material bruto e da entrevista gravada em áudio para elaborar um roteiro específico para a montagem. Durante este processo assistimos às horas de material filmado, ouvimos à longa entrevista e avaliamos quais imagens de arquivo poderiam entrar no corte final do documentário.

Enquanto assistíamos as entrevistas filmadas e ouvíamos a entrevista em áudio, realizamos a transcrição destas no papel. Sérgio Puccini descreve duas formas como deve ser feita uma descrição: de maneira detalhada, palavra por palavra, ou se contentar com a anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte<sup>29</sup>. Optamos pela transcrição palavra por palavra, com o diferencial de que não fizemos a transcrição das entrevistas na íntegra, mas apenas com os trechos que consideramos importantes para entrar no corte final. Chamamos de trechos importantes não só os fragmentos importantes para a narrativa do documentário, mas também aqueles em que Wilson Previdi articula as palavras e frases de maneira clara e compreensível. Só depois de feito todo esse procedimento foi possível escrever um roteiro para a montagem.

---

<sup>28</sup> EISENSTEIN, 2002, p. 18.

<sup>29</sup> PUCCINI, 2012, p. 102.

Para a formatação do roteiro de montagem, adotamos a estrutura dividida em duas colunas. Na primeira coluna, descrevemos o conteúdo visual das sequências, que inclui descrição de cenas, indicação de créditos iniciais e finais, e descrição de imagens de arquivo. A segunda coluna ficou reservada para as transcrições dos áudios das entrevistas, sempre iniciadas com uma indicação em negrito do dia da entrevista, do *time code* de entrada e saída, ou seja, onde começa e onde termina o relato de acordo com o *time code* das gravações. Escolhemos este formato por ser o que melhor atendia às nossas necessidades de organização do trabalho, pois facilitava a busca das sequências durante o processo de montagem, poupando-nos tempo de trabalho<sup>30</sup>.

Com o roteiro escrito, iniciamos o trabalho de montagem do documentário. Em um primeiro momento, lidamos com a falta de familiaridade com o software de edição disponível no Laboratório de Vídeo do Departamento de História<sup>31</sup>. Não demorou para que aprendêssemos algumas ferramentas básicas e operações como cortar, sincronizar sequências filmadas e áudios, ativar o ganho nos áudios para uma melhor qualidade de som, selecionar trechos e colar. Entretanto, conhecer o software e aprender a manejá-lo não é o suficiente para realizar uma montagem.

Para o documentário, adotamos a seguinte estrutura: 1) abertura; 2) bloco narrativo 1: a atuação do PCB em Curitiba e o envolvimento de Wilson Previdi e sua família com a militância comunista; 3) bloco narrativo 2: a repercussão do golpe civil-militar no PCB e na dinâmica pessoal-familiar de Wilson Previdi; 4) bloco narrativo 3: o racha do PCB e sua reorganização no início dos anos 1990; 5) encerramento. A estrutura do documentário foi moldada de forma a respeitar ao máximo o primeiro tratamento, que também adotava a estrutura de três blocos narrativos.

Foram montadas três diferentes versões da sequência de abertura. A primeira versão do roteiro instruiu para que fossem feitas filmagens nos arredores da casa de Previdi e no bairro do Seminário, com o personagem relatando sua relação com aquele cenário. Em seguida, as próximas cenas mostrariam o primeiro contato entre Previdi e seu entrevistador na porta de sua

---

<sup>30</sup> *ibidem*, p. 105.

<sup>31</sup> Final Cut Pro 7.

casa. As três versões da sequência de abertura foram montadas de forma a respeitar as indicações do roteiro.

No entanto, além de incluir o trecho do relato de Previdi sobre sua relação com o bairro, optamos por incluir também outros fragmentos das entrevistas em que o personagem fala sobre a relação de sua família com o Partido Comunista Brasileiro e sobre o acidente vascular cerebral que foi o responsável por deixar sequelas no personagem, tais como a dificuldade de organizar suas memórias e de articular discursos extensos. Escolhemos incluir estes trechos para apresentar Previdi e para despertar a compreensão e a empatia do espectador pela condição do personagem.

No primeiro bloco narrativo, acompanhamos o relato de Previdi sobre seus primeiros passos dentro do partido, sua militância sindical em Assaí, cidade do interior do Paraná, e da relação de sua família com o partido, bem como sobre a atuação do PCB em Curitiba. Para acompanhar o relato em áudio, incluímos algumas imagens de arquivo da Memória do PCB, de forma a situar a narrativa de Previdi em relação ao cenário nacional da militância sindical e comunista.

Reservamos o segundo bloco narrativo para que Previdi relatasse sobre o contexto do golpe civil-militar e sua atuação sindical em Assaí, onde fundou o Sindicato dos Bancários e a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). Neste mesmo bloco, Previdi relata as consequências que o golpe teve sobre sua vida, tanto pessoal quanto profissionalmente, o que o motivou a pedir transferência de Assaí para Curitiba. Para relatar sobre os efeitos do golpe na família em Curitiba, convidamos Wilma Previdi Andrade, irmã de Wilson Previdi, pois ela poderia trazer ao relato detalhes que Wilson Previdi não poderia trazer, tendo em vista que ele se encontrava em Assaí no período do golpe civil-militar.

Por fim, no terceiro bloco narrativo, Previdi relata sobre as dificuldade que o partido enfrentou nos anos de regime militar e, especialmente, durante o período de redemocratização do país, que foi quando ocorreu o “racha” do PCB no ano de 1992, que deu origem ao Partido Popular Socialista (PPS). Neste bloco narrativo, incluímos cenas extraídas do documentário *Fomos, Somos e Seremos Comunistas*, produzido pelo próprio PCB em 1992, com a intenção de situar o espectador neste momento de tensão e convulsão tanto na história do



próprio partido quanto na história de Previdi, que acompanhou o “racha” de perto.

Selecionar o trecho em que Wilson Previdi descreve o congresso do PCB em 1992 foi uma tarefa difícil. Tanto na entrevista filmada no segundo dia de produção quanto na entrevista gravada em áudio, Previdi fala a respeito do assunto. Enquanto na primeira ele relata o congresso de maneira distanciada e impessoal, na segunda ele adota um tom acusatório quando fala a respeito de Roberto Freire, presidente do PCB na época. Com isso, nos encontramos diante de uma questão ética que precisava ser resolvida. Bill Nichols nos alerta para as considerações éticas como uma forma de tentar minimizar os efeitos prejudiciais advindos da representação. Nestes casos, a ética torna-se uma medida de como as negociações sobre a natureza da relação entre o cineasta e seu tema têm consequências tanto para aqueles que estão representados no filme como para os espectadores<sup>32</sup>. Como realizadores, temos uma responsabilidade com as pessoas que representamos e precisamos antecipar as consequências que podem advir desta representação. Sendo assim, optamos por utilizar o trecho da entrevista filmada no segundo dia de produção para evitar possíveis problemas que as declarações da entrevista gravada em áudio poderiam acarretar.

Para o encerramento foram montadas duas opções de sequências, ambas com o monólogo de Previdi que trata acerca da perseverança do ideal revolucionário e progressista que guia as lutas sociais ao longo da história. A primeira sequência, mais simples, trazia um plano de Previdi interagindo com a equipe de filmagem e, em seguida, dois planos dele caminhando com Dyener pela rua de sua casa. A segunda sequência, mais complexa, apresentava, além dos dois últimos planos de Previdi e Dyener caminhando pela rua, três planos rodados no bairro do Seminário após um breve período de chuva: um plano de uma árvore respingando água da chuva enquanto vemos ao fundo o bairro do Seminário; uma panorâmica horizontal que começa em um canteiro de flores e termina enquadrando parte da rua da residência de Previdi; e um plano detalhe de um pássaro bicando a terra e, em seguida, levantando voo.

---

<sup>32</sup> NICHOLS, 2012, p. 36.

Optamos pela inclusão da segunda sequência no corte final por esta agregar valor ao discurso final de Previdi, representando de maneira simbólica uma ideia de otimismo e esperança no que diz respeito às lutas sociais, qualidades que o personagem carrega em si e que são raras de se ver em pessoas da idade dele e com as sequelas que ele carrega. Ao final, incluímos os créditos finais ao som da música Luzes da Ribalta, cantada por Lourdinha Bittencourt, Herivelto Martins e Raul Sampaio, cujo trecho é citado por Previdi na sequência de encerramento do documentário.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com a história de Wilson Previdi e a sua família nos trouxe diversas possibilidades de realizações, mesmo num contexto um pouco limitado, devido a sua idade avançada. A produção de um documentário foi desafiadora, nos possibilitando um aprendizado prático novo e profissionalmente rico. Além disso, criar as condições para vir a público a voz de um personagem situado na periferia política brasileira - visto a pouca representatividade do Paraná no cenário político nacional -, que pode revelar algo extraordinariamente novo e simbólico para os estudos do movimento comunista paranaense. Mais do que isso, podendo resgatar a história de militância de seus familiares, tido, em grande parte, como anônimos ou esquecidos pela literatura que trata do tema, representando os incontáveis militantes também anônimos que doaram suas vidas pela causa de libertação do povo brasileiro.

Wilson Previdi, mais do que um comunista e dirigente do PCB, representa os raros e muito escassos casos de dedicação leal e abnegada a um propósito de vida, mesmo contando com todo o desgaste e constrangimento que esse compromisso pode causar no desenvolvimento de uma trajetória pessoal. *Previdi: memórias de uma vida de militância* é a tentativa de representação desta figura ímpar e emblemática, com suas reconstituições de memória e de vida.

Com isso, desde a elaboração do projeto de *Previdi – memórias de uma vida de militância* percebemos a importância da realização deste trabalho para nossa formação acadêmica. Poder trabalhar questões referentes à memória em uma produção imagética, elaborada com preocupações historiográficas, nos fez pôr em prática todos os conteúdos e conhecimentos que adquirimos nesses anos de graduação.

**BIBLIOGRAFIA**

AARÃO Reis, D; RIDENTI, M (org.). **História do Marxismo no Brasil**. v.5. Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

AARÃO REIS, D; RIDENTI, M (org.). **História do Marxismo no Brasil**. v.6. Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração – 1922-1972**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CODATO, Adriano e KIELLER, Marcio (org.). **Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná**. Curitiba : Ed. UFPR, 2008.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

DOSSE, François. **A História**. Bauru: EDUSC, 2003.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FERRO, M. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 202-203.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 5. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro – 1857 a 1967**. Tradução do Russo por Clarice Lima Avierina. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

LINHARES, Hermínio. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

LE GOFF, J. L'histoire nouvelle. In: LE GOFF, J. et al. (Orgs.). **Les Encyclopédies du Savoir Moderne** – La Nouvelle Histoire. Paris: CEPL, 1978.

LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio** – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: BOITEMPO, 2005.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

MONIZ BANDEIRA, L. A. **O ano vermelho: A Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré produção à pós-produção**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2002.

REIS, DINARCO. **A luta de classes no Brasil e o PCB**. 2. ed. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

SACRAMENTO, Paulo. **Cinema de montagem**. Rio de Janeiro, RJ: Caixa Cultural, 2015.

TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

VINHAS, M. **Estudos sobre o proletariado brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (coleção Retratos do Brasil, v.75).

## FONTES

ANDRADE, Wilma Previdi. Entrevista concedida a Dyener Fracaro, Lucas Ferreira da Silva e Maria Elisa Sonda. Curitiba, 2016.

COMÍCIO SÃO PAULO A LUIS CARLOS PRESTES. [Filme]. Produção do Partido Comunista Brasileiro. Direção de Ruy Santos. São Paulo, Partido Comunista Brasileiro, 1945. 35mm. 9 min. p&b. son.

FOMOS, SOMOS E SEREMOS COMUNISTAS. [Filme-vídeo]. Produção do Partido Comunista Brasileiro. Rio de Janeiro, Partido Comunista Brasileiro, 2012. Digital. 55 min. color. son.

NASCE A PETROBRÁS - 1953. [Filme-vídeo]. Direção de Dario Andrade. Rio de Janeiro, 2010. Digital. 2 min. p&b. son.  
PCB: MEMÓRIA FOTOGRÁFICA (1922-1982). São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

PREVIDI, Wilson. Entrevista concedida a Dyener Fracaro. Curitiba, 2008.

PREVIDI, Wilson. Entrevista concedida a Dyener Fracaro, Lucas Ferreira da Silva e Maria Elisa Sonda. Curitiba, 2016.

## **ANEXO 1 - PRIMEIRA VERSÃO DE ROTEIRO:**

Roteiro *Wilson Previdi: um comunista de berço*

### **Bloco 1**

Sequência 1 – EXT. RUA DA CASA DE W. PREVIDI DIA

Cena 1 – Arredores da casa da família Previdi. Imagens da rua, detalhe das placas, casas vizinhas. Imagens devem captar a atmosfera do ambiente: Rua José Domakoski

AUDIO DA ENTREVISTA: W. Previdi fala sobre a sua relação com o bairro, com a casa e sua família.

Cena 2 – O entrevistador chega na casa de W. Previdi. Bate na porta. Câmera mostra o entrevistador esperando a porta abrir. W. Previdi abre a porta e os dois se cumprimentam.

Sequência 2 – INT. CASA DE W. PREVIDI DIA

Cena 1 – Interior da casa. A câmera acompanha o entrevistado entrando em casa. W. Previdi acomoda o entrevistador na sala e se prepara para começar a entrevista.

Cena 2 – Enquanto o entrevistado se apresenta em *voz-over*, a câmera mostra W. Previdi fazendo coisas de seu cotidiano dentro de casa. Imagens de W. P. mexendo em fotografias e demais arquivos pessoais da família.

Cena 3 – Câmera fixa enquadra W. Previdi e o entrevistador conduz a entrevista fora-de-campo. Introdução do conteúdo sobre o PCB. Câmera em movimento faz imagens de detalhes da linguagem corporal de W. P.

### **Bloco 2**

Sequência 1 – IMAGENS DE ARQUIVO

Cena 1 - Imagens de arquivo – documentos históricos sobre o PCB.

AUDIO – Texto sobre a história do Partido no Paraná, em *voz-over* (texto e voz do Dyener).

Sequência 2 – INT CASA DE W. P. DIA

Cena 1 – Plano médio de W. P. sentado. W.P. fala da relação de sua família com o PCB e sobre a sua própria militância.

Cena 2 – Imagens históricas/de arquivo. PAN nas imagens, detalhes de fotos, close em documentos.

Sequência 3 – INT SEDE DO PCB DIA

Cena 1 – Detalhes da sede do PCB em Curitiba, plano geral do ambiente, planos fechados em símbolos de militância da história do Partido. Imagens de W. P. caminhando pela sede, contando histórias de sua militância.

### **Bloco 3**

Sequência 1 – INT CADA DE W. PREVIDI DIA

Cena 1 – W. P. fala sobre o período da abertura, sobre a sua relação/do partido com o sindicato dos bancários, sobre a crise do PCB nos anos 1980 e a crise ideológica do século XX e, por fim, sobre a reorganização do PCB nos anos 1990. INSERTS de imagens de arquivo do período da abertura política e imagens históricas do PCB (déc. de 1980).

Sequência 2 – INT AMBIENTE NÃO DEFINIDO DIA

Cena 1 – Entrevistas com pessoas que conviveram com a militância de Previdi. Militantes do PCB atual, falando sobre a relação de Previdi com o partido atualmente. Outras possibilidades de entrevista: Tadeu Veneri, Honório Delgado, Celso Monteiro e Éder Fernando, Narciso Pires.

Sequência 3 – INT SEDE “TORTURA NUNCA MAIS” DIA

Cena 1 – Imagens de documentos e fotografias da época da ditadura. Entrevista com o Narciso Pires sobre a militância do Previdi.

Sequência 4 – INT CASA DE W. PREVIDI DIA

Cena 1 – Entrevista, plano americano de W. P. fala sobre suas perspectivas pessoais e políticas em tempos de crise política/golpe contra a democracia.

Cena 2 – Imagens da equipe se despedindo de Previdi, entrevistador saindo da casa, algumas imagens de arquivo se misturando com as cenas de Previdi se despedindo. Em *voz-over* o AUDIO da entrevista com citação do Chaplin.

FIM



## ANEXO 2 - DECUPAGEM DO ÁUDIO DAS ENTREVISTAS

PREVIDI: MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE MILITÂNCIA  
(transcrição integral das entrevistas)

### Dia 01

06:44 – 07:45

*Meu pai tinha um bar no final do ponto de bonde do Seminário. E eu ajudava o meu pai no que eu podia. Desde jovem, eu fazia tudo o que tinha que fazer, cuidava das frutas, arrumava. Aquele negócio que todo filho tem que ajudar o pai a fazer alguma coisa.*

Dyener: E seu pai já era militante do Partido Comunista?

*Era, desde que ele trabalhava na força de luz.*

Dyener: Ele trabalhou na força de luz também?

*Antes de ele fazer o bar, ele era funcionário da força de luz. E lá ele militava.*

Dyener: E foi lá que ele conheceu o Partido?

*Não, ele conheceu antes.*

11:10 – 11:24

*Eu nasci em 32. Hoje eu só tenho 84. E o que me estraga um pouco é o AVC que eu tive.*

14:16 – 14:34

*Até hoje eu não me recuperei. Fiquei surdo, fiquei cego. Fiquei com a cabeça distorcida e amofada e eu me esqueço de muita coisa.*

14:36 – 14:54

*E eu tenho que escrever. Pra eu poder me lembrar, eu tenho que fazer uma anotação na minha agenda. Porque eu guardo alguma coisa, e não sei onde guardei.*

15:06 – 16:11

*A Maria Olímpia Carneiro. O namorado dela convenceu ela a se candidatar como vereadora. Foi a primeira vereadora a ser eleita em Curitiba*

Dyener: E foi pelo Partido também?

*Não, ela foi eleita pelo Partido Social Trabalhista, ou era PTN, Partido Trabalhista Nacional. É PTN, Partido Trabalhista Nacional. Porque o PCB não tinha direito de concorrer à eleição porque tinha sido cassado pelo Dutra. E ela então concorreu e foi eleita. Eu mesmo andei pichando as paredes de Curitiba. Eu e a juventude.*

18:08 – 21:55

*Eu fui preso duas vezes pichando. Naquele tempo, o DOPS era na Barão do Rio Branco, em frente ao Hermes Macedo, que tinha uma loja ali. Tem uma rua que vem lá de baixo, que cruza com a Barão do Rio Branco e passa pela Praça Carlos Gomes.*

Dyener: E como aconteceu essas prisões?

*Essas prisões não foram muito fáceis pra mim. Eu não gosto de contar, mas vou contar pra você. Na ocasião, nós saímos pra pichar. E eu levava na cintura todos os lápis. Mas não marcamos encontro na rua porque ficava na rua um esperando o outro, e demorava pra chegar. E então, nós marcávamos no bar. Normalmente, nós marcávamos numa boate. E nós marcamos pra pichar numa ocasião perto da estação ferroviária. Fica lá em baixo. E nós marcamos encontro num lugar chamado 111. Sabe o que era 111?*

Dyener: Não sei, mas o senhor vai explicar aí pra gente.

*111 era um prostíbulo. E a gente marcava lá porque a gente tomava uma cervejinha, até que a gente saía pra pichar. Mas, nesse dia, teve uma briga entre mulheres no 111. Chamaram a polícia. E eu com os lápis todos aqui. Aí eu pulei pro banheiro, tirei todos os lápis e pus na caixa de descarga. E voltei lá, acalmou a briga, a polícia revistou todo mundo e eu saí. Voltei lá depois que a polícia foi embora e fomos pichar. Mas, nós estávamos pichando, escrevendo nos muros perto da estação ferroviária, daí chegou a polícia e todo mundo correu. E eu, não sei porque, me prenderam. Mas eu já não tinha mais os lápis. Já tinha distribuído. E fiquei lá um dia preso, no outro dia me soltaram.*

22:36 – 24:49

*Mais tarde eu descobri que sempre tinha agente policial infiltrado no Partido. Eu já tinha entrado para o Banco do Brasil em 59. Depois, em começo de 60, eu fui pra uma reunião porque eu estava em Açaí e a reunião em Londrina. Uma vez eu fui numa reunião representando Açaí aqui do estadual. E na reunião tinha um agente policial.*

Dyener: E o senhor conhecia ele, Previdi?

*Não conhecia, fui saber depois que ele era agente policial porque eu li o informe que eu tirei na secretaria de segurança. Mas passados trinta, quarenta anos depois. Estava lá que ele era. Eu participava com nome de guerra: era*

*Paulo. Não era Wilson, era Paulo. Eu li o informe dele, que havia um elemento do norte do Paraná chamado Paulo. E estava o nome dele. Hoje eu já não sei mais o nome dele porque eu esqueci o nome dele. Eu tenho uma cópia desse documento, do informe dele, que eu solicitei na secretaria de segurança e me deram o que aconteceu.*

26:41 – 27:35

*Em função de estar em outro bairro, eu não tinha conhecimento, por medida de segurança, da atividade dos outros. As bases eram independentes, pra evitar, se caso houvesse prisão, tortura, se caso delatasse. Não tinha conhecimento profundo das outras coisas.*

Dyener: E mesmo sendo da mesma família, os familiares não comunicavam o que aconteciam em cada base?

*De vez em quando, pouca coisa saía. Não nos comunicávamos muito por medidas de segurança.*

33:34 – 34:13

Dyener: E como era o Partido em Curitiba neste período, a vida da militância?

*Em função da política mundial, o Partido ainda era ilegal porque Getúlio Vargas tinha tornado o Partido ilegal e o Dutra manteve. Embora já tinha conversa e pedidos para que o Partido fosse legal, não aconteceu nada disso.*

43:59 – 47:37

Dyener: Como foi o período do golpe militar, quando o senhor ainda estava lá em Açaí?

*O golpe militar, como foi no Brasil inteiro, o Banco do Brasil mandou fiscais no Brasil inteiro. E onde tinha não só comunistas, mas tinha sindicalistas, eram transferidos para o Nordeste. Primeiro cortavam a comissão. Iam para o Nordeste, que era bem longe. E sem comissão. Funcionário comum, sem chance de promoção. E eu estava em Açaí, tinha fundado a AABB e o Sindicato dos Bancários. A AABB então era uma beleza.*

Dyener: O senhor fundou a AABB em Açaí?

*Ajudei a fundar. Fundamos AABB, alugamos uma sede, e fazíamos lá uns bailinhos. Coisa boa. Bailinhos, jantar, festinhas, fazíamos tudo isso lá.*

Dyener: E o sindicato o senhor também fundou?

*Fundei o sindicato. Quando deu o golpe em 64, Açaí pra mim foi muito problema. Foi um inspetor do banco porque disseram que havia um sujeito em Açaí do Banco do Brasil que era agitador. E esse sujeito o inspetor achou que era eu. Chegou lá, a primeira coisa que fizeram: cortaram minha comissão.*

*Perdi 40% do meu ordenado. Quando eu andava pela cidade, os próprios sujeitos do banco não me convidavam para as festinhas da AABB. Não me convidavam, não falavam comigo e nem me cumprimentavam na rua porque a polícia queria saber com quem o agitador que estava no Banco do Brasil falava para saber quem era os companheiros dele. Estavam investigando permanentemente. Ninguém mais falava comigo, nem me cumprimentavam. Fiquei numa situação difícil. Aniversários, festinhas lá na AABB e no sindicato não tinham mais. Me gelaram completamente. Fiquei gelado na cidade. Pensei antes de vir embora. Em 65, passou aquela coisa toda, e eu pedi transferência pra Curitiba.*

47:42 – 48:43

*O gerente perguntou para o inspetor: vocês não estão mandando todo mundo para o Nordeste, para onde que o senhor mandou o Previdi? Aí ele falou: não vou mandar o Previdi pra lugar nenhum porque não existe lugar pior do que aqui. E de fato não existia, porque eu fiquei isolado. Meus próprios amigos e colegas não me cumprimentavam mais na rua porque a polícia queria saber e ficava me vigiando de longe pra ver com quem eu falava. Pra descobrir tudo. Me isolaram completamente.*

49:25 – 50:38

*Consegui a transferência. Vendi a minha casa, ninguém queria comprar minha casa. Tive que vender pela metade do preço que paguei. Tive um prejuízo financeiro bastante grande. E vim pra cá. Meu pai tinha uma casa que era alugada, daí me deixou morando nessa casa. O inquilino foi embora e eu não pagava aluguel pro meu pai. Fiquei morando lá no bairro do Seminário.*

Dyener: E continuou militando?

*Continuei militando, mas com o nome de guerra: Paulo. Eu era conhecido aqui por um nome um pouquinho diferente: Paulo Polaco.*

## Dia 02

10:49 – 11:29

*Quando foi o golpe de 1964, eu não estava em Curitiba. Eu morava em Açaí, cidade tipicamente de colonização japonesa. E eu estava trabalhando lá porque o banco me mandou pra lá, me deu posse lá em virtude de um concurso que eu fiz pro Banco do Brasil e me mandaram pra lá. Então eu fui.*

15:58 – 16:57

*Nós tínhamos uma tia, militante do Partido. O nome dela: Maria José Santos Previdi. Conhecida por Zeca. Falava outro nome, Maria José, ninguém conhecia, mas conhecia por Zeca. Ela era costureira. O marido dela, meu tio, é do Partido desde que fundaram o Partido. Pouco depois. E ela entrou pro*

*partido também. E ela sentiu uma dificuldade. Em 1922, havia uma discriminação muito grande em relação à mulher.*

17:32 – 20:15

*Eu não sei se já falei anteriormente, eu tenho a impressão de que já falei da primeira mulher vereadora eleita em Curitiba: Maria Olímpia Carneiro Mochel. Ela deu uma força para a união feminina que tinha aqui e no Brasil inteiro. A união feminina tinha a força, o empreendimento e a luta das comunistas que estavam na união feminina. Tinham outras pessoas que não era comunistas, mas muitas eram do Partido Comunista, como era o caso da minha tia, a Zeca. Ela fundou na casa dela uma escola de costureira e, de todos os bairros adjacentes da casa dela, vinham mulheres pra aprender costura. E ela colocava nas aulas de costura os princípios de igualdade. Ela ficou muito conhecida como Zeca. Foi uma lutadora muito grande. Muitas vezes pensavam que era homem, mas ela falava: não, sou Zeca mulher, Maria José, por isso que sou Zeca. E a união feminina nessa época lutou bastante e conseguiu muito em Curitiba. Ela morava no bairro naquele tempo conhecido como Fim do Mundo.*

22:34 – 24:00

*A minha família aderiu ao partido, a família toda naquele tempo do meu pai. Todos os irmãos dele aderiram, uns com mais intensidade, outros com menos intensidade. Mas todos aderiram, eram militantes, participantes das reuniões. Um morava no Água Verde, outro morava no Seminário, e até no Santa Quitéria tinha um, que era o Guido.*

Dyener: E o senhor foi encaminhado pelos seus familiares pra ingressar no partido.

*Eu nasci dentro do Partido. Meu pai era do partido e a sede do partido era pertinho de casa. Meu pai ia nas reuniões e, por uma questão de acompanhamento, eu acompanhava o meu pai. Assistia as reuniões do partido que era na casa do Walfrido Soares de Oliveira*

Dyener: Que foi secretário-geral do partido?

*Ele foi secretário do partido e, naquele tempo, era presidente da célula do Seminário.*

24:08 – 27:20

Rodrigo: Boa parte da sua família era do Partido Comunista, o seu pai era do Partido Comunista, nunca houve conflito entre posições diferentes dentro da família?

*Dos Previdi não. O conflito maior foi no casamento da minha avó. Ela é da família Bordignon. O Carlos Previdi veio da Itália pra cá, e depois foi para o Rio Grande do Sul. Mas ficou um tempo em Curitiba. Ele olhou a minha avó, moça,*

*resolveu namorar. E ela resolveu namorar. Só que o pai dela não deixou. “Esse cara aí veio fugido da Itália porque deve casamento na Itália”. E ela dizia: “Mas eu já perguntei pra ele, e ele disse que não, que não era casado”. “E você não namora ele”. E ela continuou o namoro. Aí o Bordignon resolveu que não casasse e congelou a filha. De que maneira: pegou os bens que tinha, foi no cartório e doou a todos os filhos, com exceção dela. Ela não ganhou nada. Ela ficou sem bens. Daí o Carlos comprou essa área, mas já estava em dúvida. Daí viajou para o Rio Grande do Sul e não voltou mais. Morreu lá. Não sei quanto ele ficou. E ela ficou viúva com cinco filhos. E como era uma área grande, plantava, cuidava, os filhos trabalhavam fora. Meu pai trabalhava na força de luz. Cada um arranhou um emprego. Os outros irmãos montaram uma oficina na Comendador Araújo, na segunda quadra da Praça Osório. A Oficina Leão.*

29:37 – 30:15

Dyener: Sobre a sua família, no golpe de 64, quais as consequências que o golpe teve para os seus familiares?

*Foram presos imediatamente. O meu pai, eu tenho aquela fotografia onde ele aparece na prisão. Ali não tem nenhum outro Previdi, só ele ali. Ali tem o Laélio Andrade, que era do Banco do Brasil e, mais tarde, casou com a minha irmã.*

30:58 – 31:51

Dyener: E os seus tios, o Guido, o Walfrido, eles também sofreram represália desse período?

*Todos os Previdis, quando deu a Revolução de 64, acharam um jeito de viajar. Como a gente diz: “Se esconder um pouco”. Cada um achou uma saída e não contou pra ninguém porque havia a possibilidade de um que soubesse das coisas apanhar e contar tudo o que sabia. Então, cada um pegou um rumo para não ser preso. Se esconder, vamos dizer assim.*

48:58 – 49:48

*Teve vários problemas. Um problema interno foi em 1961 que foi criado o PC do B. Uma ala do partido saiu devido a divergência de opinião de atuação. O maior impacto que teve no partido foi a criação do PPS. Eu fui nesse congresso que teve o racha. Eu participei como representante do Paraná.*

50:02 – 53:16

*O presidente do partido era um cara chamado Roberto Freire, um nordestino. Foi na reunião do partido e levou uma turma enorme do Nordeste. Tocador de música, músicos, e encheu de gente. Folclorista, uma porção de coisa assim em 91. Aí ele propôs o seguinte. Ele lotou com muito passeante do Nordeste. Turista, gente dele que ele pegou. Que não eram do partido e não eram filiados. Lá ele disse: “Direito de voto pra quem se dissesse socialista. Quem é socialista aí levanta o braço?”. Todo mundo levantou o braço. “Está aprovado. Maioria.”. Porque ele levou bastante gente. Aí ele propôs a mudança do nome*

*pra PPS. A turma do núcleo do PCB não concordou com isso. Aí ele disse que a maioria é quem decide. Quem se dissesse socialista tenha a direito a voto levanta o braço, e a turma levantou o braço. Ele venceu. A turma do PCB saiu embora. Ele propôs lá na hora que quem queria mudar o nome para PPS, Partido Popular Socialista. Os comunistas não concordaram com isso e se retiraram. Eu acompanhei quem se retirou e fomos fazer uma reunião à parte.*

56:04 – 56:50

*Nós fizemos uma reunião com a turma que manteve o partido. Aí tivemos a presença do Expedito, que era um dirigente sindical de grande prestígio aqui do Paraná, lutador, nordestino. Com os conhecimentos dele, refundamos o partido. Fizemos uma reunião à parte e refundamos.*

### **Gravação em Áudio**

00:17 – 01:21 / 01:52 – 02:33 / 02:36 – 02:45

*Eu nasci aqui em Curitiba em dezembro de 32. Estou com 78 anos, estou indo pra 79. Não só meu pai como meus tios sempre foram do Partido desde o início do Partido. Meu pai quando era solteiro era da força de luz e lá já militava no partido e foi aprendendo. Eu sempre morei no bairro do Seminário. Meu pai tinha um bar no ponto final do bonde do Seminário. E ali tinha um bosque.*

*E o partido fazia festas nesse bosque. Na década de 40, fazia festivais, futebol, churrasco. E meu pai era churrasqueiro. E tinha auto falante, radiola, música e discurso. E os comunistas do partido sempre estavam presentes ali. E eu fui me criando nesse sistema.*

*Aí com 14, 15 anos eu já frequentava reuniões da célula do partido.*

03:08 – 04:00

*Aí quando eu tinha 17, 18, 19 anos, fui convidado pra uma reunião pra formação da UJC aqui no Paraná. E eu participei de uma reunião e ali tinha um grupo de jovens. Eu mesmo convidei alguns pra ir nessa reunião e tínhamos uma turma boa. Nós fazíamos muita pichação.*

Dyener: Isso na década de 40, Previdi?

*Fim de 40, começo da década de 50.*

09:25 – 09:56

Dyener: E seus tios, todos eram do partido?

*Não todos. Eram seis irmãos. Mas todos eram simpatizantes, ajudavam. Mas militante mesmo era meu pai, tio Walfrido, tio Nilo e o tio Guido também. Só dois que não eram militantes, mas o resto era militante do partido.*

20:49 – 21:20

Dyener: E tinha muito estudante no partido?

*Tinha. O partido na área estudantil era muito forte. Sempre tinha nos diretórios da universidade. Na Engenharia, na Medicina e na faculdade de Direito o partido era muito forte. Nessas faculdades da Universidade Federal. A juventude era muito forte.*

22:22 – 23:46

*Com 14 anos de idade, eu comecei a trabalhar numa fábrica que tinha no Água Verde. Como os comunistas falavam muito em sindicato, eu me associei ao sindicato Artefatos de Couro. Naquela fábrica tinha um cara que era o diretor do sindicato Artefatos de Couro. Então eu fui a umas duas, três ou quatro reuniões para ver como era o sindicato. E eu fiquei com o princípio de que comunista tem que estar no sindicato. Comunista trabalhador tem que estar no sindicato. E eu frequentei o sindicato algumas vezes. Depois eu comecei a estudar no ginásio. Depois eu terminei o ginásio no Rio Branco, daí fui estudar a noite no Novo Ateneu porque daí eu comecei a trabalhar no comércio.*

24:23 – 26:02

*Entre na Antártica que ficava no Fazendinha. E ali eu frequentava o sindicato, fiz algum movimento. Depois fui ser marceneiro, fui demitido da Antártica porque eles não gostaram de uma reportagem que saiu no jornal do partido sobre a fábrica da Antártica. E eles investigaram, foram no jornal. E os caras do jornal, inadvertidamente, disseram: “Quem foi que fez essa reportagem boa bacana aqui?”. “Ah! O Wilson!”. Daí fui ser marceneiro, entrei em duas fábricas diferentes. Primeiro em uma, depois em outra. E participei do sindicato dos marceneiros também. Ajudei lá um pouco. E eu já tinha amizade com a turma bancária. Nessa época do sindicato dos bancários.*

27:07 – 28:05

*Comecei a entrar em contato com os bancários. Eles tinham um cursinho no sindicato dos bancários. Eu frequentei o cursinho pra fazer o concurso do Banco do Brasil. Tinham vários funcionários do Banco do Brasil naquela época no sindicato.*

Dyener: Era uma oportunidade boa né?

*Fiz o cursinho, daí fui fazer o concurso no interior, em Santo Antônio da Platina. Passei, e me mandaram pra Açaí. Em Açaí, primeiro fundamos a AABB, depois fundamos o sindicato.*

Dyener: Lá em Açaí?

*Lá em Açaí. Fiquei cinco anos em Açaí. Isso em 59.*



28:42 – 29:33

*Daí veio a revoltosa em 64. Em 64 eu era o presidente da Associação Profissional dos Empregados de Estabelecimentos Bancários de Açaí, que era o pré-sindicato. Primeiro, registra como associação, depois de determinado tempo pede a transformação. Mas não chegou a ter transformação porque 64 veio e cortou. E como eu era presidente da associação, a pré-sindical, no próprio banco começaram a me investigar.*

29:36 – 31:00

*Eu era fiscal da carteira agrícola no Banco do Brasil. Percorria toda a região. E o inspetor chegou lá. Porque, no Banco do Brasil, como a maioria dos sindicatos do Brasil inteiro abrigavam os funcionários do banco. Do Banco do Brasil tinham em São Paulo, Rio, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre. Os comunistas estavam lá trabalhando. Então mandaram em Açaí também. O inspetor inventou de cassar minha comissão. Fui prejudicado. E a comissão dava aí uns 30% a mais de um aumento de salário. Eu já tinha uma casa financiada pelo IAPB em Açaí. Não pedi na hora a transferência. Um ano depois em 1965, pedi transferência pra Curitiba. O banco me deu a transferência pra cá e eu vim pra cá.*

31:02 – 33:07

*O gerente perguntou pro inspetor: “Tá investigando o Previdi?”. “Você vai transferir?”. Era determinação da direção geral do banco transferir para lugares longe da capital. Desertos, bem longe. Todo mundo foi transferido. Aqui em Curitiba foi transferido pra Formosa, outros para o Nordeste, outros para o Mato Grosso. Todo mundo que tinha ali. Nos outros centros também, São Paulo e tudo. Para cidades pequenas e no fim do mundo.*

Dyener: Mas que eram militantes?

*Transferiram os sindicalistas. Porque os militantes eram os sindicalistas. Então, transferiram mesmo que não fosse dirigente sindical, era militante. A polícia informava e era transferido. Daí o gerente perguntou: “Tão transferido todo mundo, o Previdi você vai transferir pra onde?”. O inspetor disse: “Olha, não tem lugar pior do que esse aqui. Ele vai ficar aqui mesmo”. E fiquei lá em Açaí. E Açaí, como é cidade pequena de colonização japonesa, e com a Revolução, ninguém mais queria ter amizade comigo. Por eu ser também fichado.*

34:57 – 35:13

*Aqui em Curitiba, me adaptei um pouco e depois entrei de sócio no sindicato. Entrei de sócio na AABB e continuei a trabalhar.*

39:49 – 41:05

Dyener: Previdi, e nesse período que você militou no partido desde a juventude através da relação que você tinha com seu pai, com seus tios, até sua maturação no partido, você se lembra de grandes atividades que o partido participava ou fatos políticos importantes que vocês estiveram inseridos ou presenciaram de alguma forma?

*Tivemos a eleição de 45, que o partido participou. A Iraci foi candidata, elegemos a Maria Olímpia Carneiro. Elegemos uma vereadora aqui em Curitiba. Depois da guerra, o partido conseguiu registro. Meu pai mesmo foi candidato a deputado estadual. Não foi eleito, mas foi eleito o Vieira Neto.*

44:21 – 44:50

Dyener: Previdi, seu pai conta alguma coisa do período de 35 quando houve o levante.

*Meu pai foi preso em 35. Prenderam os comunistas do Brasil inteiro e meu pai foi preso.*

51:37 – 51:54

*Nós fomos caçados no sindicato por causa de uma greve que nós fizemos em 71. Depois, nós fizemos umas duas, três greves mais pra frente. E eu sempre estava junto coordenando no Banco do Brasil.*

53:17 – 54:32

Dyener: Previdi, nessa época quando você era da juventude, como era a estrutura política em Curitiba, a relação das forças políticas e como o partido participava nesse meio?

*Nessa época em que eu era da juventude, Curitiba sempre foi uma cidade conservadora. Era o Bento Munhoz da Rocha Neto. Era o Ney Braga. Esses elementos que sempre foram conservadores. O partido sempre procurava fazer alguma coisa. Sempre se mexendo nos bairros. O partido fundou a união feminina.*

55:04 – 57:48

*O partido sempre procurava nos bairros formar uma associação de bairro pra defender os interesses do bairro. Lutar pelos interesses do bairro. Água, luz, telefone, melhorias de rua, naquele tempo não tinha asfalto. O partido esteve em vários bairros assim. Aqui no Seminário nós tínhamos a união feminina, e a presidente da união feminina era uma tia que era mulher do meu tio Carlito.*

Dyener: Qual era o nome dela, Previdi?

*Zeca. Maria José Previdi. Ela era presidente dessa união feminina, que congregava Seminário e Santa Quitéria. E tinha uma escola de corte e costura, para as mulheres aprenderem. Não sei se tinha alfabetização, mas tinha*

*palestras para tentar dar perspectiva de cidadania para as mulheres. Sempre tinha uma palestra, uma coisa e outra. Naquele tempo, a assistência de saúde era muito difícil. Era mais do município, do INSS quando dava a saúde. Eles tinham que ir na saúde pública. Tanto que a união feminina elegeu uma vereadora que não era do partido, mas ela levou minha tia pra ser assessora dela na câmara de vereadores.*

01:13:45 – 01:14:35

*Só que o partido era muito estanque. Um não sabia do outro, porque o problema de segurança levava muito a sério essas coisas.*

Dyener: Uma célula não sabia o que a outra fazia?

*O sujeito só sabia aonde ele atuava. Só conhecia os comunistas onde atuava a célula dele. Ele sabia que existia em tal lugar outra célula. Às vezes sabia o nome de um ou de outro de lá, o cara que tinha uma figura maior. Mas não ficava sabendo pormenores pra evitar que o sujeito fosse preso e na tortura contasse pra prender. Daí dizimava o partido.*

01:18:01 – 01:18:45

*O partido todo tinha como norma só saber, só conhecer que está com você, quem está trabalhando, quem está agindo na sua área de atuação. Isso pra evitar, porque o grau de resistência de cada um ninguém sabe. Você só vai saber o seu grau de resistência quando estiver no pau de arara. Pau de arara, choque elétrico, e outras coisas mais.*

01:25:45 – 01:27:00

Dyener: E você, Previdi, quais eram as tarefas que você cumpria, os cargos que você ocupou ao longo da tua militância?

*Eu ocupei vários cargos. Na juventude, eu era membro da direção. Depois, no partido, eu fui membro de base, depois presidente das bases, na base dos bancários aqui. E depois fui da direção estadual. Depois que o Expedito era presidente, ele não quis ser mais, pois estava velho e eu fiquei na presidência também. Fiquei um tempo na presidência também, mas também já estava velho. Consegui quem ficasse na presidência e eu fiquei como tesoureiro. Agora como eu já estou mais velho ainda, estou procurando alguém que fique de tesoureiro no meu lugar porque eu também já estou meio baquiadão.*

01:27:29 – 01:27:56

*O partido sempre teve dificuldade. A principal dificuldade do partido é financeira. Sempre foi. Houve uma época que nós conseguimos aqui estruturar o jornal e editar o jornal semanal: a Tribuna do Povo.*

01:28:56 – 01:29:57

*Nós saímos pra vender toda semana. Toda base tinha sua cota de jornal pra vender. Ia vender nos bairros. Ia fazer na Vila Guaiá, nos bairros assim. Onde hoje é a Avenida das Torres. A gente ia de casa em casa, vender o jornal. A gente procurava bairros operários pra vender. Foi a época em que o jornal mais progrediu e mais avançou.*

01:31:07 – 01:36:13

*O jornal era conhecido. Eu acho que o que está faltando para nós hoje é um instrumento de divulgação. Hoje não é mais jornal. Hoje é o tal do computador, que faz blog. Mas eu não entendo nada de computação. Nós tínhamos que arrumar um grupo pra fundar Twitter, blog, essas coisas. Tínhamos que ter uma turma pra dar início a esse trabalho. Na hora que conseguirmos fazer uma turma, vamos divulgar bem. Daí todo mundo que quer entrar, entra. A gente divulga, manda e-mail pra todo mundo com notícia. Já está começando um pouco. Só que não temos uma escola de educação. O que precisaria era ter um jornal através do computador. Você faz um artigo, você faz outro. Cada um faz um artigo, ao invés de imprimir em jornal, coloca num blog. Nós não nos capacitamos ainda pra fazer isso. É verdade que, pelo menos não é do meu conhecimento, tem um jornal no computador.*

Dyener: Na verdade existe o jornal impresso, e existe a versão eletrônica. Mas o jornal impresso ainda tem sua força.

*Ainda tem força. Mas eu acho que nós, com o tempo, precisaremos fazer um jornal eletrônico.*

Dyener: E como surgiu o Tribuna do Povo? Foi iniciativa de algum elemento isolado? O jornal tinha uma boa estrutura.

*Tinha. É porque o partido todo voltou-se pra isso. Foi uma tarefa do comitê estadual fazer o jornal e todo mundo foi e fez. Começou antes de 50, logo depois da ilegalidade. Porque a gente precisava de algo assim. O marido da Maria Olímpia foi o diretor do jornal, acho que foi o primeiro diretor do jornal. Ele era formado em Direito. E tinha o Exaurino Patriota, que foi também um dos primeiros diretores do jornal.*

Dyener: E era um jornal bem ideológico ou era mais amplo?

*Era ideológico. Era o jornal do partido. Tinha a página da Internacional, tinha a página Nacional, e a página Estadual, e a Municipal. Tinha os artigos que os caras escreviam, publicavam artigo de Marx, etc.*

Dyener: E o jornal durou até quando, Previdi?

*Não tenho ideia. Não ideia de quando fecharam.*

01:36:50 – 01:42:27

Dyener: Previdi, e naquela fase do governo João Goulart, que o partido tinha mais liberdade de atuar, como foi a situação política?

*Foi na época antes de 64. O sindicato atuava amplamente. Foi a época em que o partido mais cresceu no Brasil inteiro. Foi na época de João Goulart. Foi na época de 50 até 64, a época que o partido mais cresceu na área sindical e estudantil. Foi a época em que o partido mais se desenvolveu e mais atuou. O partido abocanhou duas campanhas. Foi a campanha do “O petróleo é nosso” e foi a campanha da “Luta pela paz”, que foi logo no pós-guerra. Os EUA estavam preparando uma Terceira Guerra Mundial contra a URSS, maquinando internacionalmente. Saiu o Apelo de Estocolmo, da luta pela paz, que era a coexistência pacífica entre os dois campos. O mundo socialista precisava de uma coexistência pacífica pra se desenvolver e se aprimorar, pois estava economicamente e industrialmente atrasado em relação ao mundo capitalista, que era EUA, Inglaterra, França e (um pouco) a Itália. Porque a Itália se meteu na guerra com a Alemanha, foram bombardeados e derrotados. Saímos nas ruas coletar assinaturas para o apelo pela paz mundial. E a do petróleo pra nós foi muito boa. Se a Petrobrás existe hoje, deve em grande parte a luta política do partido. Embora muita gente diga que foi Getúlio, o Getúlio foi impulsionado. Quando o Monteiro Lobato escreveu o livro A Luta Pelo Petróleo, nós nos aproveitamos bem daquele livro, e divulgamos. E era verdade. A economia brasileira só ia se desenvolver com o desenvolvimento do petróleo. Os americanos ainda mandavam técnico pra cá, e os técnicos fingiam que procuravam petróleo, diziam: “Aqui não tem petróleo, o Brasil não tem petróleo”. Aqui no Paraná, não sei porque fizeram prospecção pro lado de Guarapuava. Dizem que no tempo da guerra tinha um alemão-brasileiro que descobriu pros lados de Guarapuava um poço de petróleo e ele fabricava duzentos litros de gasolina por dia. Depois o governo mandou ele fechar porque ele era alemão. Isso antes da guerra.*

01:42:28 – 01:43:40

Dyener: Previdi, por falar em alemão, existia um enfrentamento, pois Curitiba tinha muito imigrante né? Eles se organizavam politicamente também?

*Eles eram organizados também, mas nós não tivemos enfrentamento direto com eles. Nós nunca tivemos. Mas nazistas tem até hoje. Estão voltando, se organizando, matando gente, fazendo estripulia. Agora estão se voltando contra os homossexuais.*

Dyener: Os nordestinos também.

*Porque o alemão é muito radical.*

01:45:47 – 01:46:31

*Meu pai estava sentado no murinho que tem do lado da casa dele e foi levado embora. Minha mãe foi saber que ele estava preso depois que ele tinha ido. E eles pegavam os caras assim. O negócio era prender né, prender e pronto.*

*“Prender os comunistas! Prender os comunistas! Comunistas subversivos!”. E prenderam todo mundo conhecido.*

01:50:48 – 01:52:50

*A militância foi essa, com cautela. Não parei de ser militante. Sou filiado, sempre fui militante, sempre estava metido em alguma coisa. Às vezes não tão abertamente, principalmente na área sindical. Na sindical tinha uma cobertura. Sempre tendo contato com o partido, participando de reunião. Participei sempre que tinha reunião. Estava conversando com o Luis Fernando. Em 66, 67, nós fomos fazer um encontro sindical em São Paulo, uma conferência. Pergunta pro Luis Fernando que ele vai te contar melhor. Nós estávamos no quinto, sexto andar, nós tínhamos que dar o bote porque a polícia ia prender todo mundo. Nós descemos pela escada, tinha um carro, pegamos o carro e fomos pra Curitiba.*

01:53:10 – 01:59:40

Dyener: Então, Previdi, e depois do golpe teve uma série de perseguições no partido.

*Saíram elementos valorosos do partido e foram para o PC do B. Mas o que causou maior prejuízo para o partido foi a turma do Roberto Freire, que fundaram o PPS. O Roberto Freire deu um golpe no partido.*

Dyener: E como foi?

*O Roberto Freire era presidente do partido e ele propôs no comitê central, para o partido crescer e ampliar e ficar forte, dar votos no congresso pra todo mundo que se dissesse socialista. Dar direito a voto. Daí chamaram o congresso e nesse congresso ele pôs em prática que tinha voto todo mundo que se dissesse socialista. Aí ele trouxe do nordeste bastante ônibus cheio de gente, popular, conjunto folclórico. Daí cantaram, dançaram. E de São Paulo, tinha o João Hermes que também estava junto com ele e levou um monte de gente do interior de São Paulo. E nesse congresso eu estava presente. Na hora de dar voto para os caras, houve um protesto. Eu fiquei junto com partido, que era de votar no congresso só quem fosse militante do partido, militante filiado. Aí ele colocou em votação, apesar do nosso protesto, e votou que todo mundo que fosse socialista tinha direito a voto. E claro, toda a turma dele, que nunca foi do partido e nem era esquerdista, votou e aprovaram. E nos retiramos do congresso e fomos fazer o congresso em outro lugar. A turma de São Paulo já tinha preparado uma faculdade e fizemos nosso congresso lá. E no congresso deles foi aprovada a mudança do nome do partido. De Partido Comunista Brasileiro para PPS, Partido Popular Socialista. E não queriam nem foice, nem martelo, não queriam mais nada. Só PPS e pronto. Eles registraram imediatamente no tribunal eleitoral e começou a briga. Enquanto eles registravam a mudança no nome, eles se apoderaram de todos os bens do partido.*

Dyener: Foi um golpe profundo então?

*Eu digo que o Roberto Freire foi ladrão do partido. Eu digo isso. O partido tinha um telefone. Eu estava cuidando do telefone do partido, que era numa sede na Avenida das Torres, e fechamos a Avenida das Torres e eu trouxe o telefone pra minha casa. Até que um dia chega a Telepar que ia tirar o telefone daqui e disseram: “O presidente do partido mandou tirar o telefone daqui”.*

02:00:35 – 02:01:37

*O maior prejuízo foi essa mudança do PPS. Outra coisa que o Roberto Freire fez: todo o arquivo do Partido Comunista ele entregou para a Fundação Roberto Marinho. Todo aquele arquivo, contando a história e o passado do partido quando era legal, ele juntou e entregou tudo para a Fundação Roberto Marinho. E os bens que eu partido tinha eu já não sei. Mas o maior prejuízo foi a entrega do arquivo do partido.*

02:02:12 – 02:02:35

*O partido agora tem que crescer. O partido tem divergências, ainda existem divergências. Aqui em Curitiba, eu particularmente acho que existem os comunistas, que querem que o partido cresça; e os “cuecas vermelhas”, que não querem que o partido cresça.*

02:02:59 – 02:04:01

Dyener: E naquele período da década de 70 que muita gente foi pra luta armada, isso também baqueou muito o partido né?

*Aqui no Paraná não. Aqui no Paraná não tivemos ninguém que foi pra luta armada, mas teve lugares que queriam ir para a luta armada. São os radicais. “Agora é dar tiro, é matar, e tal”. Queriam fazer né? E onde dizem que a Dilma também. E quando chamam a Dilma de comunista, ela nunca foi comunista. Ela sempre foi de outra corrente. Ela era esquerdista. Eu respeito ela porque foi de esquerda, e não foi de direita. Foi pra luta armada e agora então. E vai passar apertada, porque a direita não vai deixar ela muito descansada não.*

02:04:02 – 02:05:55

Dyener: Previdi, e como vocês fizeram pra rearticular o partido depois desse racha do PPS? Quais foram os principais nomes que tomaram a frente do partido?

*Nós fizemos pesquisa. Aqueles que ficaram com o partido e começamos a rearticular. É o caso do Expedito e a turma dele. Tinha essa turma que está por aí. No interior tinham alguns ainda.*

Dyener: E nacionalmente?

*Nacionalmente é essa turma que está lá né. Mantivemos o contato porque naquela reunião que nós fizemos separado em São Paulo foi eleita uma*

*comissão, foi eleito tudo isso aí. Em 62, o assistente nosso aqui do comitê central era o Gaúcho. Não me lembro do nome dele agora. Mas ele participou do congresso em 62 e nós mandamos uma delegação pra lá. E lá que houve praticamente o racha do PC e do PC do B. Foi lá naquele congresso. E como ele era assistente nosso, ele maquinou nossa delegação e fez a nossa delegação votar tudo no PC do B. E esse pessoal saiu.*

### **FALA FINAL DO FILME**

02:11:16 – 02:12:55

*Olhe, já foi dito assim: “Para que chorar o que passou, lamentar perdidas ilusões, se o ideal que sempre nos acalentou, renascerá em outros corações”. Quem disse isso?*

Dyener: Charles Chaplin.

*Charlie Chaplin. E digo mais, complemento o seguinte. Aconteça o que acontecer, tenha o acidente de percurso que tiver. O ideal de liberdade, igualdade e fraternidade que nasceu na França, na Revolução Francesa, ele sempre renascerá no coração das pessoas enquanto perdurar na face da terra a exploração do homem pelo homem. E todo indivíduo, toda pessoa que se julgar evolucionista e progressista assume um compromisso ético e moral de contribuir dentro de suas possibilidades e de suas forças para acabar com esse opróbrio da humanidade que é a exploração do homem pelo homem.*



### ANEXO 3 - ROTEIRO PARA MONTAGEM

PREVIDI: MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE MILITÂNCIA

Roteiro para montagem

VÍDEO	ÁUDIO
<p style="text-align: center;"><b>CRÉDITOS INICIAIS</b></p> <p style="text-align: center;">Universidade Federal do Paraná Curso de História, Memória e Imagem Apresentam</p> <p>Trânsito movimentado na praça da Fonte de Jerusalém, no bairro do Seminário. A fonte surge imponente jorrando água sem parar. No topo da fonte, três imagens de anjos de mãos dadas surgem imponentes.</p> <p>A rua José Domakoski está aparentemente tranquila em um dia da semana. Detalhe na placa da rua. Mais adiante, podemos ver a casa onde reside Wilson Previdi. Dyener acompanha Previdi em uma caminhada pela rua e seguem conversando.</p>	<p><b>Dia 01- 11:10 – 11:24</b></p> <p>Eu nasci em 32. Hoje eu só tenho 84. E o que me estraga um pouco é o AVC que eu tive.</p> <p><b>Dia 01- 14:16 – 14:34</b></p> <p>Até hoje eu não me recuperei. Fiquei surdo, fiquei cego. Fiquei com a cabeça distorcida e amofada e eu me esqueço de muita coisa.</p> <p><b>Dia 01- 14:36 – 14:54</b></p> <p>E eu tenho que escrever. Pra eu poder me lembrar, eu tenho que fazer uma anotação na minha agenda. Porque eu guardo alguma coisa, e não sei onde guardei.</p> <p><b>Gravação em Áudio</b> <b>01:07-01:22 / 01:52-02:11 / 02:17-02:33</b></p>



<p>Imagens de arquivo retiradas do livro PCB: memória fotográfica (1922-1982) sucedem-se uma após a outra.</p>	<p>no Seminário, e até no Santa Quitéria tinha um, que era o Guido.</p> <p><u>Dyener:</u> <i>E o senhor foi encaminhado pelos seus familiares pra ingressar no partido.</i></p> <p>Eu nasci dentro do Partido. Meu pai era do partido e a sede do partido era pertinho de casa. Meu pai ia nas reuniões e, por uma questão de acompanhamento, eu acompanhava o meu pai. Assistia as reuniões do partido que era na casa do Walfrido Soares de Oliveira</p> <p><u>Dyener:</u> <i>Que foi secretário-geral do partido?</i></p> <p>Ele foi secretário do partido e, naquele tempo, era presidente da célula do Seminário.</p> <p><b>Dia 01 - 33:34 – 34:13</b></p> <p><u>Dyener:</u> <i>E como era o Partido em Curitiba neste período, a vida da militância?</i></p> <p>Em função da política mundial, o Partido ainda era ilegal porque Getúlio Vargas tinha tornado o Partido ilegal e o Dutra manteve. Embora já tinha conversa e pedidos para que o</p>
--	---

Partido fosse legal, não aconteceu nada disso.

**Gravação em Áudio**

**01:13:45 – 01:14:35**

Só que o partido era muito estanque. Um não sabia do outro, porque o problema de segurança levava muito a sério essas coisas.

Dyener: *Uma célula não sabia o que a outra fazia?*

O sujeito só sabia aonde ele atuava. Só conhecia os comunistas onde atuava a célula dele. Ele sabia que existia em tal lugar outra célula. Às vezes sabia o nome de um ou de outro de lá, o cara que tinha uma figura maior. Mas não ficava sabendo pormenores pra evitar que o sujeito fosse preso e na tortura contasse pra prender. Daí dizimava o partido.

**Gravação em Áudio**

**55:04 – 57:48**

O partido sempre procurava nos bairros formar uma associação de bairro pra defender os interesses do bairro. Lutar pelos interesses do bairro. Água, luz, telefone, melhorias de rua, naquele tempo não tinha asfalto. O partido esteve em vários

bairros assim. Aqui no Seminário nós tínhamos a união feminina, e a presidente da união feminina era uma tia que era mulher do meu tio Carlito.

Dyener: *Qual era o nome dela, Previdi?*

Zeca. Maria José Previdi. Ela era presidente dessa união feminina, que congregava Seminário e Santa Quitéria. E tinha uma escola de corte e costura, para as mulheres aprenderem. Não sei se tinha alfabetização, mas tinha palestras para tentar dar perspectiva de cidadania para as mulheres. Sempre tinha uma palestra, uma coisa e outra.

#### **Gravação em Áudio**

**40:12 – 41:05**

Tivemos a eleição de 45, que o partido participou. A Iraci foi candidata, elegemos a Maria Olímpia Carneiro. Elegemos uma vereadora aqui em Curitiba. Depois da guerra, o partido conseguiu registro. Meu pai mesmo foi candidato a deputado estadual. Não foi eleito, mas foi eleito o Vieira Neto.

#### **Gravação em Áudio**

**01:36:50 – 01:42:27**

<p>Previdi e Dyener caminham pela Rua José Domakoski. Dyener olha para atrás e Previdi acena para o motorista do carro que passa ao seu lado. Previdi abre o portão de sua casa com um controle remoto e ele e Dyener passam pelo portão.</p>	<p><u>Dyener</u>: <i>Previdi, e naquela fase do governo João Goulart, que o partido tinha mais liberdade de atuar, como foi a situação política?</i></p> <p>Foi na época antes de 64. O sindicato atuava amplamente. Foi a época em que o partido mais cresceu no Brasil inteiro. Foi na época de João Goulart. Foi na época de 50 até 64, a época que o partido mais cresceu na área sindical e estudantil. Foi a época em que o partido mais se desenvolveu e mais atuou. O partido abocanhou duas campanhas. Foi a campanha do “O petróleo é nosso” e foi a campanha da “Luta pela paz”, que foi logo no pós-guerra. Saiu o Apelo de Estocolmo, da luta pela paz, que era a coexistência pacífica entre os dois campos. O mundo socialista precisava de uma coexistência pacífica pra se desenvolver e se aprimorar, pois estava economicamente e industrialmente atrasado em relação ao mundo capitalista, que era EUA, Inglaterra, França e (um pouco) a Itália. Saímos nas ruas coletar assinaturas para o apelo pela paz mundial. E a do petróleo pra nós foi muito boa. Se a Petrobrás existe hoje, deve em grande parte a luta política do partido.</p>
---	--

Embora muita gente diga que foi Getúlio, o Getúlio foi impulsionado.

### **Gravação em Áudio**

**22:22 – 23:46**

Com 14 anos de idade, eu comecei a trabalhar numa fábrica que tinha no Água Verde. Como os comunistas falavam muito em sindicato, eu me associei ao sindicato Artefatos de Couro. Naquela fábrica tinha um cara que era o diretor do sindicato Artefatos de Couro. Então eu fui a umas duas, três ou quatro reuniões para ver como era o sindicato. E eu fiquei com o princípio de que comunista tem que estar no sindicato. Comunista trabalhador tem que estar no sindicato. E eu frequentei o sindicato algumas vezes. Depois eu comecei a estudar no ginásio. Depois eu terminei o ginásio no Rio Branco, daí fui estudar a noite no Novo Ateneu porque daí eu comecei a trabalhar no comércio.

### **Gravação em Áudio**

**03:08 – 03:41**

Aí quando eu tinha 17, 18, 19 anos, fui convidado pra uma reunião pra formação da UJC aqui no Paraná. E eu participei de uma reunião e ali tinha um grupo de jovens. Eu mesmo

<p>Previdi está sentado em uma cadeira de madeira.</p>	<p>convidei alguns pra ir nessa reunião e tínhamos uma turma boa.</p> <p><b>Gravação em Áudio</b> <b>03:48 – 04:01</b> <u>Dyener</u>: <i>Isso na década de 40, Previdi?</i></p> <p>Na década de 40. Fim de 40, começo da década de 50. 48, 49, 50, 51.</p> <p><b>Gravação em Áudio</b> <b>27:07 – 28:05</b> Aí comecei a entrar em contato com os bancários. Eles tinham um cursinho no sindicato dos bancários. Eu frequentei o cursinho pra fazer o concurso do Banco do Brasil. Tinham vários funcionários do Banco do Brasil naquela época no sindicato.</p> <p><u>Dyener</u>: <i>Era uma oportunidade boa né?</i></p> <p>Fiz o cursinho, daí fui fazer o concurso no interior, em Santo Antônio da Platina. Passei, e me mandaram pra Assaí. Em Assaí, primeiro fundamos a AABB, depois fundamos o sindicato.</p> <p><u>Dyener</u>: <i>Lá em Açaí?</i></p>
--	---



<p>Previdi e Wilma, sua irmã, estão sentados em um sofá vermelho.</p>	<p>Lá em Assaí. Fiquei cinco anos em Assaí. Isso em 59.</p> <p><b><u>Bloco 2</u></b></p> <p><b>Dia 01- 43:59 – 47:37</b></p> <p><u>Dyener</u>: <i>Como foi o período do golpe militar, quando o senhor ainda estava lá em Assaí?</i></p> <p>O golpe militar, como foi no Brasil inteiro, o Banco do Brasil mandou fiscais no Brasil inteiro. E onde tinha não só comunistas, mas tinha sindicalistas, eram transferidos para o Nordeste. Primeiro cortavam a comissão. iam para o Nordeste, que era bem longe. E sem comissão. Funcionário comum, sem chance de promoção. E eu estava em Assaí, tinha fundado a AABB e o Sindicato dos Bancários. A AABB então era uma beleza.</p> <p><u>Dyener</u>: <i>O senhor fundou a AABB em Assaí?</i></p> <p>Ajudei a fundar. Fundamos AABB, alugamos uma sede, e fazíamos lá uns bailinhos. Coisa boa. Bailinhos, jantar, festinhas, fazíamos tudo isso lá.</p>
---	---

<p>Previdi está sentado em uma cadeira de madeira.</p>	<p><u>Dyener</u>: <i>E o sindicato o senhor também fundou?</i></p> <p>Fundei o sindicato. Quando deu o golpe em 64, Assaí pra mim foi muito problema. Foi um inspetor do banco porque disseram que havia um sujeito em Assaí do Banco do Brasil que era agitador. E esse sujeito o inspetor achou que era eu.</p> <p><b>Dia 02-</b></p> <p><u>Wilma</u>: <i>Quando surgiu o golpe, Previdi tinha que ser preso. Não importa o que eles tinham, porque todos eles eram fichados no Partido Comunista, todos eles atuavam no partido. Aqueles que depois de duas semanas, um mês, e eram vistos que não tinham participação mesmo, eles soltaram. Foram meus tios. Meu pai também. Porque quem prendia na época era o DOPS.</i></p> <p><b>Dia 02-</b></p> <p><u>Wilma</u>: <i>Como meu marido estava preso, meu pai preso, meus tios presos, eu e minha irmã sempre íamos ao presídio visita-los e colaborar com o que precisasse. Com roupa, comida, o que eles pediam a gente facilitava e levava lá. Também</i></p>
--	--

Previdi e Dyener estão sentados lado	<p><i>tinha muitos presos na condição deles que eram de outras cidades. Eles me davam cartas que escreviam para a família e eu enviava para a família. Depois, quando eu recebia, também levava de volta e entregava as cartas para eles. Fazia coleta de roupas, muitos vinham só com a roupa do corpo. Eles indicavam os lugares onde eu pudesse pedir. Eu levava muita roupa pra eles lá. Vizinhos e conhecidos também, cigarro, frutas, o que eles tinham eu levava.</i></p> <p><b>Dia 01- 47:42 – 48:43</b></p> <p>O gerente perguntou para o inspetor: vocês não estão mandando todo mundo para o Nordeste, para onde que o senhor mandou o Previdi? Aí ele falou: não vou mandar o Previdi pra lugar nenhum porque não existe lugar pior do que aqui. E de fato não existia, porque eu fiquei isolado. Meus próprios amigos e colegas não me cumprimentavam mais na rua porque a polícia queria saber e ficava me vigiando de longe pra ver com quem eu falava. Pra descobrir tudo. Me isolaram completamente.</p> <p>Chegou lá, a primeira coisa que fizeram: cortaram minha comissão. Perdi 40% do meu ordenado. Quando</p>
--------------------------------------	--

a lado. Dyener escuta atentamente ao relato de Previdi.

eu andava pela cidade, os próprios sujeitos do banco não me convidavam para as festinhas da AABB. Não me convidavam, não falavam comigo e nem me cumprimentavam na rua porque a polícia queria saber com quem o agitador que estava no Banco do Brasil falava para saber quem era os companheiros dele. Estavam investigando permanentemente. Ninguém mais falava comigo, nem me cumprimentavam. Fiquei numa situação difícil. Aniversários, festinhas lá na AABB e no sindicato não tinham mais. Me gelaram completamente. Fiquei gelado na cidade. Pensei antes de vir embora. Em 65, passou aquela coisa toda, e eu pedi transferência pra Curitiba.

Dyener: *E continuou militando?*

Continuei militando, mas com o nome de guerra: Paulo. Eu era conhecido aqui por um nome um pouquinho diferente: Paulo Polaco.

**Dia 01- 22:36 – 24:49**

Mais tarde eu descobri que sempre tinha agente policial infiltrado no Partido. Eu já tinha entrado para o Banco do Brasil em 59. Depois, em começo de 60, eu fui pra uma reunião

Previdi e Wilma estão sentados lado a

<p>lado em um sofá vermelho</p> <p>Imagens de arquivo do congresso do “racha” do PPS em 1992.</p> <p>Previdi e Wilma estão sentados lado a lado em um sofá vermelho.</p>	<p>porque eu estava em Açaí e a reunião em Londrina. Uma vez eu fui numa reunião representando Assaí aqui do estadual. E na reunião tinha um agente policial.</p> <p><i>Dyener: E o senhor conhecia ele, Previdi?</i></p> <p>Não conhecia, fui saber depois que ele era agente policial porque eu li o informe que eu tirei na secretaria de segurança. Mas passados trinta, quarenta anos depois. Estava lá que ele era. Eu participava com nome de guerra: era Paulo. Não era Wilson, era Paulo. Eu li o informe dele, que havia um elemento do norte do Paraná chamado Paulo. E estava o nome dele. Hoje eu já não sei mais o nome dele porque eu esqueci o nome dele. Eu tenho uma cópia desse documento, do informe dele, que eu solicitei na secretaria de segurança e me deram o que aconteceu.</p> <p><b><u>Bloco 3</u></b></p> <p><b>Dia 02- 48:48 – 49:48</b></p>
--	---

<p>Uma árvore respinga água da chuva. Um canteiro de flores é iluminado pelo sol difuso após a chuva, bem como a rua onde se localiza a casa de Previdi. Um passarinho bica a terra e, súbito, levanta voo em direção ao horizonte. Previdi e Dyener caminham pela rua e ao poucos desaparecem de</p>	<p>O partido hoje está numa situação muito difícil. Teve vários problemas. Um problema interno foi em 1961 que foi criado o PC do B. Uma ala do partido saiu devido à divergência de opinião de atuação. O maior impacto que teve no partido foi a criação do PPS. Eu fui nesse congresso que teve o racha. Eu participei como representante do Paraná.</p> <p><b>Dia 02- 50:02 – 53:16</b></p> <p>O presidente do partido era um cara chamado Roberto Freire, um nordestino. Foi na reunião do partido e levou uma turma enorme do Nordeste. Tocador de música, músicos, e encheu de gente. Folclorista, uma porção de coisa assim em 91. Aí ele propôs o seguinte. Ele lotou com muito passeante do Nordeste. Turista, gente dele que ele pegou. Que não eram do partido e não eram filiados. Lá ele disse: “Direito de voto pra quem se dissesse socialista. Quem é socialista aí levanta o braço?”. Todo mundo levantou o braço. “Está aprovado. Maioria.”. Porque ele levou bastante</p>
---	---

<p>nossa vista.</p> <p>FADE OUT</p> <p>CRÉDITOS FINAIS</p>	<p>gente. Aí ele propôs a mudança do nome pra PPS. A turma do núcleo do PCB não concordou com isso. Aí ele disse que a maioria é quem decide. Quem se dissesse socialista tenha a direito a voto levanta o braço, e a turma levantou o braço. Ele venceu. A turma do PCB saiu embora. Ele propôs lá na hora que quem queria mudar o nome para PPS, Partido Popular Socialista. Os comunistas não concordaram com isso e se retiraram. Eu acompanhei quem se retirou e fomos fazer uma reunião à parte.</p> <p><b>Dia 02- 56:04 – 56:50</b></p> <p>Nós fizemos uma reunião com a turma que manteve o partido. Aí tivemos a presença do Expedito, que era um dirigente sindical de grande prestígio aqui do Paraná, lutador, nordestino. Com os conhecimentos dele, refundamos o partido. Fizemos uma reunião à parte e refundamos.</p> <p><b>Gravação em Áudio</b></p> <p><b>02:11:16 – 02:12:55</b></p> <p>Olhe, já foi dito assim: “Para que chorar o que passou, lamentar perdidas ilusões, se o ideal que sempre nos acalentou, renascerá em outros corações”. Quem disse isso?</p>
--	--

Dyener: *Charles Chaplin*.

Charlie Chaplin. E digo mais, complemento o seguinte. Aconteça o que acontecer, tenha o acidente de percurso que tiver. O ideal de liberdade, igualdade e fraternidade que nasceu na França, na Revolução Francesa, ele sempre renascerá no coração das pessoas enquanto perdurar na face da terra a exploração do homem pelo homem. E todo indivíduo, toda pessoa que se julgar evolucionista e progressista assume um compromisso ético e moral de contribuir dentro de suas possibilidades e de suas forças para acabar com esse opróbrio da humanidade que é a exploração do homem pelo homem.

Música: "*Luzes da Ribalta*", escrita por Charlie Chaplin e interpretada por Lourdinha Bittencourt, Herivelto Martins e Raul Santos.